

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Paulo Henrique Mellender Evangelista

**AS ATITUDES MORAIS NO ESPORTE DE COMPETIÇÃO: UM ESTUDO
DESCRITIVO-EXPLORATÓRIO COM ATLETAS DOS JOGOS COLETIVOS DE
INVASÃO**

Porto Alegre

2011

PAULO HENRIQUE MELLENDER EVANGELISTA

**AS ATITUDES MORAIS NO ESPORTE DE COMPETIÇÃO: UM ESTUDO
DESCRITIVO-EXPLORATÓRIO COM ATLETAS DOS JOGOS COLETIVOS DE
INVASÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

**Porto Alegre – UFRGS
2011**

Dedicatória

Aos meus pais, Paulo Ernani Evangelista e Nísia Mellender Evangelista.

Ao meu filho, Christian Schenkel Evangelista.

Agradecimentos

À minha irmã Thaís, à minha sobrinha Laís e ao meu cunhado Alceu Jr., pelo incentivo e apoio durante todo o período da dissertação.

Ao Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, orientador deste trabalho, pela oportunidade, pelo incentivo, pela amizade, pelos ensinamentos e por todos os conhecimentos compartilhados durante o período de realização do presente trabalho.

Ao Prof. Dr. Ricardo Pedrozo Saldanha, meu amigo, pela dedicação, paciência e ajuda no processo das análises estatísticas.

Ao Prof. Ms. Ricardo Hugo Gonzalez pela amizade, pela colaboração e pelo incentivo.

Aos meus colegas do grupo de estudos NP₃ Esporte/UFRGS Marcus Levi Barbosa, Marcos Alencar Abaide Balbinotti, Patrícia Fontana e Jones Zarpellon Mazo pela rica convivência acadêmica e pela amizade durante o tempo em que estivemos juntos.

Ao André Luís Carmo dos Santos e à Ana Lúcia Minor Larrateia, da secretaria do PPGCMH, pela atenção e dedicação dispensadas desde o início do meu trabalho.

RESUMO

O presente estudo trata das atitudes morais de atletas juvenis nos Jogos Coletivos de Invasão (JCI): futebol de campo, futsal, basquetebol e handebol. Um dos objetivos desta pesquisa é (a) identificar qual das dimensões atitudinais – *empenho*, *convenção*, *antidesportivismo* ou *trapaça* – representa as ações mais assumidas declaradamente pelos jovens atletas, de 13 a 16 anos, dos JCI. Os demais objetivos são os seguintes: (b) traduzir e adaptar para a língua portuguesa (Brasil) o Questionário de atitudes no esporte (QAE-23) de Gonçalves et al. (2006); (c) proceder à validade de conteúdo QAE-23; (d) apresentar a ordem hierárquica das dimensões atitudinais, através da análise intrasexo; (e) realizar um estudo comparativo inter-sexo. Para tanto, foi aplicado o QAE-23. As respostas aos itens do QAE-23 foram dadas conforme uma escala de tipo Likert, bidirecional, graduada em cinco pontos, partindo de “discordo firmemente da declaração” (1) a “concordo firmemente com a declaração” (5). A pesquisa contou com a participação de um grupo de 265 atletas. Para cumprir com o segundo objetivo foram realizadas duas traduções independentes por profissionais da área (inglês-português e português-inglês), que asseguraram a melhor tradução e adaptação do QAE-23 para a língua portuguesa (Brasil). Em seguida, procederam-se os estudos sobre a pertinência e a clareza dos itens do QAE-23, a partir dos dados obtidos nas respostas dos juízes-avaliadores. Os resultados dos Coeficientes de validade de conteúdo (CVC), tanto para a pertinência como para a clareza dos itens (entre 0,7 e 0,8 em quatro itens; e superior a 0,8 em 19 itens), asseguraram a validação do conteúdo do QAE-23. Após o cumprimento dessas etapas, o QAE-23 foi submetido às respostas dos 265 atletas para cumprir com os demais objetivos do estudo. As atitudes mais assumidas declaradamente pelos atletas, de maneira geral fazem parte da dimensão *empenho*, seguida, respectivamente, pela *convenção* (2º), *antidesportivismo* (3º), e *trapaça* (4º). Se considerarmos apenas as respostas dos atletas do sexo masculino, os resultados foram os seguintes: *empenho* ($\bar{x} = 23,23$); seguido por um par de dimensões indissociáveis estatisticamente, *convenção* ($\bar{x} = 19,89$) e *antidesportivismo* ($\bar{x} = 19,11$); e *trapaça* ($\bar{x} = 16,96$). Para as atletas do sexo feminino aparecem: *convenção* ($\bar{x} = 23,21$) e *empenho* ($\bar{x} = 22,95$), indissociáveis estatisticamente, seguidas pelo *antidesportivismo* ($\bar{x} = 17,50$) e *trapaça* ($\bar{x} = 9,85$). A comparação inter-sexo mostrou que a dimensão *trapaça* está mais evidente no sexo masculino, enquanto que a dimensão *convenção* está mais evidente no sexo feminino, conforme verificação do valor das médias nos dois grupos. Através dos resultados foi possível concluir que os atletas da referida faixa etária buscam se empenhar ao máximo para obter rendimento durante os treinamentos e competições. Além disso, destaca-se a forma evidente como se expressa a competição no sexo masculino, em razão do destaque dado à dimensão *trapaça*. Já para as atletas do sexo feminino, a sociabilidade parece ser um aspecto determinante, em razão do destaque dado para as atitudes relacionadas à dimensão *convenção*. Espera-se que esse estudo possa contribuir para um plano de atividades que priorize o desenvolvimento moral dos atletas.

Palavras-chave: atitudes; jogos coletivos de invasão; jovens atletas.

ABSTRACT

The present study deals with the moral attitudes of the athletes of the Invasion Collectives' Games (ICG): soccer, futsal, basketball and handball. One of the aims of the research is (a) to identify wich dimensions of attitude – *commitment*, *convention*, *gamesmanship* or *cheating* – represents the actions reportedly taken over by young athletes from ICG from 13 to 16 years. The others objectives are: (b) to translate and adapt to Portuguese language (Brasil) the Sports attitudes questionnaire (SAQ-23) from Gonçalves et al. (2006); (c) make the contend validity of QAE-23; (d) present the hierarchical order of the attitudinal dimensions, through the intra-sex analysis; (e) realize a inter-sex comparative study. To this end, was applied the (SAQ-23). The answers to the items on QAE-23 were given as a Likert scale, bidirectional, graduated in five points, from “strongly disagree the statement” (1) to “strongly agree with the statement” (5). The research counted with the participation of a group of 265 athletes. To meet the second objective, two independent translations were done by professionals of the area (English/Portuguese and Portuguese/English) wich ensured the best translation and adaptation of QAE-23 for the Portuguese language (Brasil). Then were conducted the studies on pertinence and clarity of the items of QAE-23, from data obtained in the answers of judges-evaluators. The results of the Contend validity coefficients (CVC) for both, the pertinence as to the clarity of the items (between 0,7 and 0,8 on four items, and more than 0,8 in nineteen items), ensured the validation of content of QAE-23. After the accomplishment of these steps, the QAE-23 was submitted to the answers of 265 athletes to comply with the others objectives of the study. The attitudes more reportedly taken by athletes in general are part of the dimension *commitment*, followed respectively by the *convention* (2), *gamemanship* (3) and *cheating* (4). If we consider only the answers of male athletes, the results were as follows: *commitment* (23,23), followed by a couple of dimensions that are statistically indissociable, *convention* (19,89) and *gamesmanship* (19,11), and *cheating* (16,96). For female athletes appear: *convention* (23,21) and *commitment* (22,95), that are statistically indissociable, followed by *gamesmanship* (17,50) and *cheating* (9,85). The inter-sex comparison showed that the dimension *cheating* is most evident in males, whereas the dimension *convention* is most evident in females, as verification of the value of the averages in both groups. Through the results it was concluded that the athletes in this age group seek to engage for maximum performance during training and competitions. Furthermore, it highlight the latent form expressed by the competition among males, due to the emphasis on dimension *cheating*. As for the females athletes, sociability appears to be a crucial aspect, because of the emphasis given to the attitudes toward dimension *convention*. It is hoped that this study may contribute to an activity plan that give priority to the moral development of young athletes.

Keywords: attitudes; invasion collective's games; young athletes.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Estatísticas de tendência central, de dispersão e distribuição das dimensões atitudinais dos atletas dos JCI	45
Tabela 2:	Estatísticas de tendência central, dispersão e distribuição conforme a variável “Sexo”	48
Tabela 3:	Comparações entre dimensões atitudinais dos atletas dos JCI	51
Tabela 4:	Comparações entre dimensões, intrasexo (masculino)	52
Tabela 5:	Comparações entre dimensões, intrasexo (feminino)	52
Tabela 6:	Comparação inter-grupo conforme variável “sexo”	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Distribuição das dimensões atitudinais	47
Gráfico 2:	Distribuição das dimensões atitudinais em valores nominais conforme a variável “sexo”.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Artigos da Carta sobre o Espírito Esportivo	30
Quadro 2:	Elementos táticos básicos dos JDC	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS	13
2 MARCO TEÓRICO	15
2.1 AS ATITUDES MORAIS – A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL DE MILTON ROKEACH.....	15
2.2 A TEORIA DO JULGAMENTO MORAL.....	20
2.2.1 A Perspectiva de Piaget.....	20
2.2.2 A Perspectiva de Kohlberg.....	22
2.2.3 A perspectiva de Gilligan.....	23
2.3 A CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO – ADOLESCÊNCIA	24
2.4 AS ATITUDES MORAIS NO ESPORTE JUVENIL.....	27
2.5 AS ESTRUTURAS GERAIS DOS JOGOS COLETIVOS DE INVASÃO	33
3 METODOLOGIA.....	39
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	39
3.2 SUJEITOS.....	39
3.3 INSTRUMENTOS.....	40
3.4 PROCEDIMENTOS	40
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	42
3.6 ESTUDO PILOTO.....	42
4 RESULTADOS	44
4.1 TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO	44
4.2 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS.....	45
4.3 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS CONFORME VARIÁVEL DE CONTROLE “SEXO”	47
4.4 COMPARAÇÕES DAS MÉDIAS ENTRE AS DIMENSÕES ATITUDINAIS DOS ATLETAS DOS JCI	50
4.5 COMPARAÇÕES DAS MÉDIAS DAS DIMENSÕES ATITUDINAIS DOS ATLETAS DOS JCI, CONFORME VARIÁVEL CONTROLADA “SEXO”	51
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	54
5.1 DIMENSÕES ATITUDINAIS MAIS FREQUENTES ENTRE OS ATLETAS DOS JCI	54

5.2 DIMENSÕES ATITUDINAIS MAIS FREQUENTES ENTRE OS ATLETAS DOS JCI, CONFORME VARIÁVEL CONTROLADA “SEXO”	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXO A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO	77
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	79
ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE ATITUDES NO ESPORTE (QAE-23)	81

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do tema “atitudes morais no esporte juvenil”. Parte-se do pressuposto de que a orientação pedagógica norteadora da prática esportiva deve estar comprometida com a educação e a formação dos jovens, tanto no esporte escolar como no esporte de competição organizado pelas federações esportivas. A convivência nas comunidades esportivas é uma experiência que normalmente ocorre na infância e na adolescência, podendo provocar o desejo de participar, de competir ou, até mesmo, de se integrar socialmente. Nesse sentido, trata-se de um excelente meio para o desenvolvimento do caráter de jovens atletas, inclusive, em aspectos relacionados aos valores e às atitudes (GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008).

Algumas modalidades esportivas – Jogos Coletivos de Invasão (JCI): futebol de campo, futsal, basquetebol e handebol (REVERDITO; SCAGLIA, 2009) – oferecem a oportunidade de desenvolvimento das potencialidades físicas e mentais, encontradas num meio social, com características próprias, que podem configurar determinados estilos de vida que favorecem o desenvolvimento integral do indivíduo (SANMARTÍN, 1995). Entre as principais exigências, destacam-se: aprender a empenhar-se nos treinamentos e nas competições; estabelecer bom relacionamento com os colegas de equipe; respeitar o adversário, a regra e o árbitro.

Para Bento (2006) o esporte é concebido e interpretado como fenômeno polissêmico e realidade polimórfica, múltipla e não singular. De acordo com o autor, o esporte é um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas.

Neste contexto, destaca-se, entre outras áreas do conhecimento, a abordagem sistemática da Pedagogia do Treino Desportivo, que se preocupa com a educação moral do jovem através do esporte. Os comportamentos e as condutas dos jovens têm tido crescente destaque em estudos que abordam a temática relacionada à educação moral do atleta (SANMARTÍN, 1995; GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; DODGE ; ROBERTSON, 2004).

O contraste dos aspectos positivos, gerados pelo esporte, considerados como atitudes pró-sociais, com os elementos negativos observados nos treinamentos e competições, têm causado certa preocupação na maneira como os jovens vêm se comportando frente a dilemas

de respeito às regras dos jogos, mesmo que contra seus próprios interesses, com objetivo único da vitória, além de suscitar críticas ao desporto enquanto gerador de atitudes dos jovens (SANMARTÍN, 1995). Alguns elementos podem ser geradores de condutas antiéticas no esporte. A pressão de técnicos e treinadores para a vitória como objetivo principal, além do incentivo e a conivência com comportamentos que violam as regras e quebram o espírito do jogo, levariam, muitas vezes, os jovens a adotar condutas negativas nas competições esportivas (DODGE; ROBERTSON, 2004; GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008).

Para melhor compreender estas manifestações de condutas e comportamentos, alguns autores têm significativas contribuições nesta temática. Milton Rokeach (1981), com abordagens na Psicologia da Personalidade e na Psicologia Social, descreve e conceitua as atitudes e as maneiras pelas quais estas podem determinar o comportamento social. De acordo com o autor, a preocupação pela conceituação das atitudes é antiga, datando da década de 1920.

No âmbito desportivo, as atitudes têm sido objeto de estudo, na tentativa de uma melhor compreensão deste fenômeno comportamental de jovens atletas durante as competições. Martin J. Lee, Jean Whitehead e Nikos Ntoumanis (2007) e Lee et al. (2008), em pesquisas realizadas com objetivo de estudar e avaliar as premissas morais e individuais que determinam as decisões, partem do princípio de que as atitudes são contingentes a situação dada e informam sobre o comportamento que o atleta assumiria diante de um conflito moral (GONÇALVES et al., 2006). As atitudes representariam, para o atleta, a avaliação afetiva e instrumental da conduta a adotar.

Além disso, considera-se da maior relevância compreender o significado social que o esporte representa: sua importância ao coletivo, à equipe, à família e à repercussão pública da atividade (SHIELDS et al., 2005). Para tanto, a educação moral do atleta propõe algumas recomendações relevantes: empenhar-se, respeitar o adversário, não responsabilizar outros (arbitragem, treinador, família) pelos próprios insucessos e buscar integrar-se ao grupo sempre que possível. Mesmo que a essência da educação moral se sustente na capacidade do atleta em dirigir suas próprias ações, o princípio primordial da moralidade reside na orientação para que o atleta obtenha uma elevada consciência social. Como se pode perceber, a educação moral do atleta é uma das principais atribuições do treinador. Para tanto, conhecer as atitudes mais frequentes dos atletas em competições é condição básica para intervenções de natureza pedagógica.

Nesse sentido, este tema tem recebido especial atenção dentro do contexto das práticas esportivas, através da Psicologia e Pedagogia do Treino Desportivo. Essas disciplinas têm desenvolvido este conhecimento, na observação e evolução dos comportamentos dos jovens no esporte. Assumindo a ideia de que as atitudes morais no esporte de competição apresentam grande relevância atualmente, realizou-se pesquisa na literatura para um maior conhecimento sobre a temática. A literatura brasileira referente à questão revela carência de estudos sobre as atitudes no esporte competitivo, ficando em destaque um maior volume de trabalhos oriundos de autores estrangeiros (GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; DODGE ; ROBERTSON, 2004; SHIELDS et al., 2005; SAMPOL et al., 2007; TSAI; FUNG, 2005).

Nesta perspectiva, justifica-se o estudo das atitudes morais de atletas juvenis, uma vez que os resultados deste trabalho podem trazer contribuições relevantes à comunidade acadêmica e aos envolvidos no âmbito esportivo (professores, técnicos e treinadores), oportunizando melhores subsídios e maiores possibilidades aos planejamentos e às intervenções pedagógicas no esporte de competição juvenil.

O presente trabalho está estruturado em três partes. A primeira trata dos pressupostos teóricos oriundos da Psicologia Social, relativos às atitudes morais, na perspectiva de Milton Rokeach, e advindos da Psicologia Moral, nas perspectivas de Jean Piaget, Lawrence Kohlberg e Carol Gilligan, sobre o julgamento moral; aborda, ainda, a caracterização do desenvolvimento humano (adolescência), as atitudes morais no esporte juvenil e as estruturas gerais dos JCI. A segunda parte do trabalho trata da metodologia utilizada no estudo, contendo informações sobre a caracterização do estudo, os sujeitos da investigação, os instrumentos utilizados na pesquisa, os procedimentos e análise dos dados, finalizando com a apresentação de resultados obtidos em um estudo piloto. E, por fim, serão apresentados os resultados, as discussões dos resultados e as considerações finais sobre o trabalho.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa são: a) identificar qual das dimensões atitudinais – *empenho, convenção, antidesportivismo e trapaça* – representa as ações mais assumidas declaradamente pelos jovens atletas dos JCI, da faixa etária de 13 a 16 anos;

b) traduzir e adaptar para a língua portuguesa o Questionário de atitudes no esporte (QAE-23), de Gonçalves et al. (2006); c) proceder a validade de conteúdo do QAE-23; d) apresentar a ordem hierárquica das dimensões atitudinais (*empenho, convenção, antidesportivismo e trapaça*) assumidas com maior frequência pelos atletas dos sexos masculino e feminino (análise intrasexo); e) realizar um estudo comparativo das dimensões atitudinais inter-sexo.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 AS ATITUDES MORAIS – A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL DE MILTON ROKEACH

Questões comportamentais relacionadas à ética, à moral, às crenças, aos valores e às atitudes têm sido observadas e analisadas nos mais diversos âmbitos do cotidiano humano. O debate sobre o tema tem buscado uma melhor compreensão das ações e dos comportamentos do homem, enquanto ser individual e coletivo. Os homens fazem leis; regulam suas ações, uns para os outros, através de preceitos explícitos, que têm o caráter de padrões ou normas (ASCH, 1977). Todas as sociedades têm códigos morais e a maioria das pessoas, ao atingir a fase adulta, conhece as regras ou práticas que compõem esses códigos (FURROW, 2007). Ainda, segundo o autor, para tomarmos boas decisões não é suficiente o simples conhecimento das regras que deveríamos seguir. Devemos saber como adaptá-las às nossas circunstâncias e, para que isso ocorra de forma eficiente, devemos saber por que certas normas morais são justificadas. Além dos pais e da escola, autoridades religiosas e líderes comunitários são considerados alguns dos responsáveis pelo ensino da moralidade (FURROW, 2007).

Em determinadas situações, os indivíduos se defrontam com a necessidade de pautar seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de serem cumpridas (VÁSQUEZ, 1985). Estas normas são aceitas intimamente e reconhecidas como obrigatórias: de acordo com elas, os indivíduos compreendem que têm o dever de agir de uma ou de outra maneira. Neste caso, dizemos que o homem age moralmente e que em seu comportamento se evidenciam vários traços característicos que o diferencia de outras formas de conduta humana. No dia a dia, defrontamo-nos com problemas práticos, dos quais não podemos nos eximir. O autor cita que, para resolvê-los, os indivíduos recorrem a normas, cumprem determinados atos, formulam juízos e, às vezes, se servem de determinados argumentos ou razões para justificar a decisão tomada. Decidir e agir em uma situação concreta é uma questão prático-moral (VÁSQUEZ, 1985).

A ética também constitui um importante elemento à compreensão dos comportamentos e ações do homem. Mesmo sendo a moralidade o foco principal deste trabalho, entendida enquanto ação (atitude), breves comentários serão apresentados quanto à

diferenciação de conceitos, relativos ao uso das palavras “ética” e “moral”. Para alguns autores, as duas palavras são usadas como sinônimos (SINGER, 1998; FERRY, 2004).

Peter Singer (1998), em texto sobre a ética prática (aplicação da ética ou da moralidade), em abordagens sobre questões práticas, como o tratamento dispensado às minorias étnicas, igualdade para as mulheres, fabricação de alimentos, entre outros, usa indiferentemente as duas palavras, como sinônimos. Luc Ferry (2004) faz uma observação a respeito da terminologia das palavras para que se evitem mal-entendidos. Deve-se dizer “moral” ou “ética? E que diferença existe entre os dois termos? Para o autor, *a priori*, nenhuma, e pode-se utilizá-los indiferentemente. A palavra “moral” vem do latim e significa “costumes”; já “ética” vem do grego e também significa “costumes”. São sinônimos perfeitos e só diferem pela língua de origem (FERRY, 2004).

Entretanto, Vásquez (1985) argumenta que os homens não só agem moralmente, mas também refletem sobre este comportamento prático e o tomam como objeto da sua reflexão e de seu pensamento. Existe a passagem do plano da prática moral para o da teoria moral. Investigar o modo pela qual a responsabilidade moral se relaciona com a liberdade e com o determinismo à qual nossos atos estão sujeitos é um problema teórico, cujo estudo é da competência da ética. Segundo o autor, a “ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade” (VÁSQUEZ, 1985, p. 12). A ética, portanto, é considerada a teoria da moralidade, enquanto elemento de reflexão sobre as práticas morais do homem. Para o presente trabalho, a palavra “moral” será utilizada como representante das ações ou, mais especificamente, das atitudes morais.

O comportamento e o desenvolvimento humano vêm sendo objeto de estudo nas mais diversas áreas e em diferentes disciplinas. Uma destas é a Psicologia, nas áreas da “Psicologia Social” e da “Psicologia Moral” (GILLIGAN, 1982,¹ apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009; LINDGREN, 1976; ASCH, 1977; LANE, 1984; ROKEACH, 1981; KOHLBERG, 1964; KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 1997; PIAGET, 1994; DE LA TAILLE, 2007). A Psicologia deseja identificar e conhecer as soluções para os problemas da Psicologia Social, tais como os efeitos dos grupos na formação das ações e características de seus membros, os motivos que unem as pessoas e as colocam em conflito e assim por diante. A Psicologia Social é uma vertente da Psicologia que se ocupa das relações entre a interação social e a conduta dos indivíduos. Os psicólogos sociais podem contribuir para a compreensão dos

¹ GILLIGAN, C. (1982). **Different voice: psychological theory and women’s development**. Cambridge, M.A: Harvard University Press.

fatores que entranham os problemas sociais e, portanto, a nossa capacidade para solucioná-los (ASH, 1977; LINDGREN, 1976).

A psicologia social deve contribuir para o conhecimento humano com um olhar livre sobre seus fenômenos e examinar seus fundamentos. Esta investigação toca imediatamente grandes e persistentes questões a respeito das necessidades e capacidades dos indivíduos em relação ao comportamento social, ao modo como as pessoas se organizam, como elas respondem às experiências sociais, como se comportam em grupos, suas interações, os efeitos destas interações de uma pessoa sobre a outra, além de como o comportamento de uma pessoa pode afetar a outra; o estudo psicológico dos fatos sociais é o estudo dos indivíduos em sociedade (ASCH, 1977).

Para Lane (1984) o objetivo da Psicologia Social é conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo que se relaciona às manifestações grupais e sociais – em que condições sociais ocorre a aprendizagem e o que ela significa no conjunto das relações sociais que definem concretamente o indivíduo na sociedade em que ele vive. Lindgren (1976) afirma que a Psicologia trata, até certo ponto, do estudo da conduta individual, enquanto a Psicologia Social examina as áreas destas condutas que fazem parte da interação e das relações entre o indivíduo e as demais pessoas, podendo contribuir à compreensão e à predição de novas ações e condutas.

Milton Rokeach (1981), com estudos na área da psicologia social, aborda as ações e as condutas humanas descrevendo, de forma abrangente, conceitos de crenças, valores e atitudes e as maneiras pelas quais estas podem determinar o comportamento social, seguindo uma orientação cognitivista. As crenças, os valores e as atitudes expressam algo diferente da predisposição do indivíduo a conduzir-se de um modo ou de outro; porém, todos são afetados pela aprendizagem social (LINDGREN, 1976). Através de tais conceitos, Rokeach (1981) fornece, de forma importante, base para investigação de fenômenos relacionados à moralidade. Ele reflete e entende que a compreensão das crenças, atitudes e valores não seja possível a menos que se esteja propenso a distinguir estes conceitos uns dos outros e a empregá-los de modos diferentes. As crenças, as atitudes e os valores estão organizados juntos, formando um sistema cognitivo funcionalmente integrado, de maneira que uma mudança em qualquer parte do sistema afetará as outras partes e culminará em uma mudança comportamental.

Referindo-se ao termo crença, Milton Rokeach descreve as crenças como inferências feitas por um observador sobre estados de expectativas básicas. Quando uma pessoa diz: “Nisto eu acredito”, ela pode ou não estar representando exatamente aquilo em que

verdadeiramente acredita, porque há, frequentemente, razões sociais e pessoais constrangedoras, conscientes e inconscientes, em função das quais ela não contará ou não nos pode contar a verdade. Por essas razões, as crenças não podem ser diretamente observadas, mas podem ser inferidas da melhor forma possível, com quaisquer artifícios psicológicos disponíveis, de todas as coisas que o crente diz ou faz. Sobre um sistema de crenças, o autor define como sendo representado dentro de si, organizado de alguma forma psicológica, mas não necessariamente lógica, cada uma e todas as crenças incontáveis de uma pessoa sobre a realidade física e social. Por definição, não se permite que as crenças existam fora do sistema de crenças.

Seguindo a descrição deste sistema cognitivo integrado, as atitudes são abordadas com a intenção de relacioná-las ao conceito de crença. Em um primeiro conceito, o autor descreve uma atitude como sendo “uma organização de crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou situação que predispõe que se responda de alguma forma preferencial” (ROKEACH, 1981, p. 91). Uma atitude também pode ser definida como “uma organização de crenças inter-relacionadas em torno de um objeto comum, com certos aspectos do objeto sendo foco de atenção para algumas pessoas e outros aspectos para outras pessoas” (*idem*). A atitude tem propriedades cognitivas e afetivas que interagem e reforçam-se mutuamente (ROKEACH, 1981, p. 94). De uma forma mais extensa, uma atitude é “uma organização relativamente duradoura de crenças inter-relacionadas que descreve, avalia e defende a ação com relação a um objeto ou situação, com cada crença, possuindo componentes cognitivos, afetivos e comportamentais” (ROKEACH, 1981, p. 107).

Ajzen (2005) aborda as atitudes referindo-se à latência, considerando o termo um construto hipotético que manifesta uma ampla variedade de respostas observáveis. No caso das atitudes, essas repostas são avaliadas em sua essência, na personalidade, e são direcionadas a um objeto ou a uma situação, a uma pessoa, a uma instituição ou a um evento. Nas atitudes, as avaliações podem se manifestar rapidamente no desdobramento de eventos ou situações e uma nova informação sobre uma pessoa ou uma questão tornam-se disponíveis. Não é possível observar diretamente as atitudes, porém, devemos inferi-las da conduta, bem como observar as respostas de um indivíduo em relação a objetos, pessoas e outros acontecimentos ou, ainda, por suas considerações e outras expressões verbais (LINDGREN, 1976).

Para Albarracín, Johnson e Zanna (2005) quem estuda as atitudes investiga e avalia fatores envolvidos em determinadas situações: como elas são formadas, mudadas, representadas na memória e traduzidas para as cognições, motivações e ações. Elementos

como crenças, afetos e comportamentos são considerados interativos com as atitudes, mais propriamente do que sendo parte delas. Os mesmos autores afirmam que a atitude estando focada em uma entidade, situação ou objeto, seria uma predisposição para gostar ou não de, preferir ou não um dos elementos anteriores, presumivelmente com aproximação ou distanciamento de possíveis consequências, relativas às ações e comportamentos realizados.

Por fim, Rokeach (1981) aborda o conceito de valor deste sistema cognitivo funcional integrado. Avanços teóricos para a compreensão e para o entendimento dos valores têm tido a colaboração de várias disciplinas: sociologia, psicologia, ciências políticas, filosofia, gestão e comunicação. O fato das contribuições serem provenientes de diferentes campos de estudo demonstra que o conceito de valor está presente em várias disciplinas, na tentativa de uma melhor compreensão do comportamento humano (ROKEACH, 1979).

O valor é considerado “um tipo de crença, centralmente localizado no sistema total de crenças de uma pessoa, sobre como se deve ou não comportar, ou sobre algum estado final de existência alcançado, ou não, valor” (ROKEACH, 1981, p.100). Dizer que uma pessoa “tem um valor” é dizer que ela tem uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estado final da existência é pessoal e socialmente preferível a modos alternativos de conduta ou de estados finais da existência. Os valores são constitutivos da estrutura de um sistema social, sendo, assim, concepções de um tipo desejável de sociedade de “referência”, utilizados pelos membros que a integram (ROKEACH, 1979).

Uma vez que um valor é internalizado, ele se torna, consciente ou inconscientemente, um padrão ou critério para guiar a ação, para desenvolver e manter as atitudes em relação a objetos e situações relevantes, para julgar moralmente a si e aos outros e para se comparar com os outros. São ideais abstratos positivos ou negativos que, não estando atados a nenhum objeto ou situação de atitude específica, representam as crenças de uma pessoa sobre os modos ideais de conduta e objetos terminais ideais (ROKEACH, 1981). Os valores são o resultado de demandas sociais e de necessidades psicológicas, que são aprendidas e determinadas pela cultura, pela sociedade, pelas instituições sociais e pela experiência pessoal – que, por sua vez, são determinantes de atitudes, decisões, escolhas, atribuições e ações que são capazes de se submeter, como resultado a mudanças na sociedade (ROKEACH, 1979).

Segundo Williams Jr. (1979) os valores são concepções fundamentais do desejável dentro de cada indivíduo e da sociedade. Eles servem como critérios à orientação não só da ação, mas, também, da decisão, da escolha, da atitude, da avaliação, do argumento, da racionalização e também da atribuição de causalidade. Os valores são “pré-códigos complexos”, resultados de fusões de elementos cognitivos e conceituais. São suscetíveis de

serem estruturalmente organizados dentro do indivíduo e da sociedade, não só em termos de prioridade, mas também em termos de extensão, universalidade, aplicação e coerência. Williams Jr. chama a atenção para o fato de que os valores são afetos e cognições multifacetadas que representam muito mais do que apenas critérios de ação. A principal função dos valores humanos é de nos fornecer um conjunto de regras para nos guiar em nossos esforços para satisfazermos nossas necessidades, mantendo e melhorando a autoestima, fazendo com que o sujeito, através destes valores, cumpra seu papel social e institucional em aspectos como a competência e a moralidade (ROKEACH, 1979).

Alguns exemplos de modos ideais de conduta são: procurar verdade e beleza, ficar limpo e em ordem e comportar-se com sinceridade, justiça, razão, compaixão, humildade, respeito, honra e lealdade. Exemplos de metas ideais ou estados finais: segurança, felicidade, liberdade, igualdade, êxtase, fama, poder, estado de graça e salvação. Os valores de uma pessoa como todas as crenças podem ser concebidos conscientemente ou mantidos inconscientemente e devem ser inferidos daquilo que a pessoa diz ou faz. Desta forma, este sistema integrado cognitivo funcional, composto pelas crenças, atitudes e valores, apresentado e descrito por Rokeach (1981), sugere de que forma o comportamento moral do indivíduo se desenvolve e como este pode variar, de acordo com tais elementos.

2.2 A TEORIA DO JULGAMENTO MORAL

2.2.1 A Perspectiva de Piaget

Passando para a vertente da Psicologia Moral, as contribuições para o entendimento do desenvolvimento humano enfatizam, entre suas teorias psicológicas, a dimensão intelectual para os aspectos ligados à moralidade, e são identificadas nas figuras de Piaget e Kohlberg. A Psicologia Moral estuda os processos psíquicos por meio dos quais se legitimam regras, princípios e valores morais, entendendo-se por moral aquilo que é da ordem do *dever* (DE LA TAILLE, 2007). O campo de estudo das atitudes tem se interessado pela variação do fenômeno, que ocorre como resultado da interação dos indivíduos e da sociedade na qual eles vivem (ALBARRACÍN; JOHNSON; ZANNA, 2005). Para melhor compreender estas manifestações comportamentais relativas às atitudes e à moralidade, alguns autores merecem destaque por apresentarem significativas contribuições nesta temática.

De La Taille (2007) afirma haver teorias psicológicas da moralidade que enfatizam sua dimensão intelectual. Estas estariam voltadas ao “saber fazer”. Um conceito considerado fundamental pelo autor, no que se refere ao desenvolvimento moral, é o da autonomia. “Autonomia” é um termo polissêmico. Para Freitag (1989), a autonomia é vista como o resultado de um processo de maturação e descentração – sendo este um processo cognitivo mais amplo, envolvendo tomadas de consciência e diferenciação do eu e do grupo, além da dimensão linguística, lógica e moral; ou seja, a descentração é a evolução do sujeito da heteronomia para a autonomia, na qual o ele se emancipa da autoridade da regra e da coerção do grupo e forma, autonomamente, seus padrões de julgamento e suas concepções das regras (ideais), sem interferência de terceiros.

De La Taille (2007) ressalta que, para a moralidade, dois sentidos devem ser lembrados. O primeiro liga-se à questão da liberdade: é autônomo quem goza de liberdade, seja porque suas ações não são decorrentes de uma forma de poder exterior ao sujeito, seja porque não é irremediavelmente determinado por forças internas sobre as quais a vontade não exerce influência alguma. Exemplos: uma pessoa coagida, sob ameaça de fuzilamento, a ir para a guerra não é autônoma, como não são autônomos os animais, por terem suas ações determinadas pelo instinto e não por sua consciência. O segundo sentido de autonomia refere-se à autoridade: é autônomo quem legitima regras, princípios e valores morais sem referência a uma fonte que o transcende, sem referência, portanto a figuras de autoridade (Deus, por exemplo).

O autor destaca duas teorias que enfatizam a dimensão intelectual no que tange às questões da heteronomia/autonomia relativas ao desenvolvimento moral. Uma dessas teorias foi desenvolvida por Jean Piaget. Em obra considerada um clássico da investigação sobre a moralidade, *O juízo moral na criança* apresenta uma série de experimentos que demonstram que o raciocínio moral se transforma e se desenvolve ao longo da infância e da adolescência (PIAGET, 1994). Nessa concepção de desenvolvimento moral, os tipos de pensamento moral representam estruturas que emergem da interação da criança com o meio social, ao invés de refletirem diretamente estruturas externas dadas pela cultura na qual a criança vive.

Para Piaget, o indivíduo evolui mediante um desenvolvimento dialético com seu meio; desenvolve-se à medida que é bem-sucedido na relação de inúmeros problemas com que se depara (PIAGET, 1994). Ele acreditava que as interações sociais têm um papel muito importante para o desenvolvimento da consciência moral autônoma, por oferecer oportunidades para que os sujeitos se descentrem cognitivamente e sejam capazes de enxergar a realidade a partir do ponto de vista de outras pessoas. Neste sentido, as interações sociais

são essenciais para o desenvolvimento moral, desde que as partes envolvidas sejam tratadas igualmente, que se reconheçam como dignas de serem respeitadas e se sintam comprometidas com o respeito às opiniões e aos valores dos outros.

2.2.2 A Perspectiva de Kohlberg

Outra teoria que aborda o desenvolvimento moral foi apresentada pelo psicólogo americano Lawrence Kohlberg que, seguindo a teoria piagetiana, introduziu novas reflexões sobre a questão. A moralidade sugere, conforme o autor, estágios básicos de julgamento moral, com ênfase nos processos ocorridos em crianças, na interpretação de regras e situações de conflito, e suas razões para as ações morais, mais propriamente do que o aprendizado correto das regras ou crenças convencionais. Os estágios morais apontam ser primariamente produtos das interações da criança com os outros, mais do que desdobramentos de estruturas biológicas ou neurológicas. A ênfase na interação social não significa, entretanto, que os estágios de julgamento moral representem diretamente o ensino dos valores dos pais, da escola ou da sociedade e sua “introjeção” direta pela criança. Isso é apenas uma parte do mundo ou da ordem social percebida pela criança (KOHLBERG, 1964).

Kohlberg acredita que o desenvolvimento da moralidade se dê através de estágios subsequentes hierarquicamente organizados. A partir de seus estudos, o psicólogo americano admite que os estágios morais possuem um forte componente cognitivo, que apresentam fases de desenvolvimento com características bem definidas e universais e que são sequenciais e consistentes (KOHLBERG, 1964). Em seus estudos, Kohlberg apresentava a seus entrevistados histórias em que o protagonista se encontrava em uma situação de conflito, que permitiam pelo menos duas soluções distintas. Não havia solução do conflito sem infração de alguma lei ou princípio. Quem age torna-se culpado de uma forma ou de outra, transgredindo alguma norma mais ou menos importante. A maior sofisticação metodológica de Kohlberg reflete-se em um plano de codificação mais diferenciado e detalhado e numa discriminação de maior número de níveis ou estágios da moralidade, comparado à proposta de Piaget (FREITAG, 1989).

Desta forma, o americano apresentou uma proposta de conceber os níveis e os estágios da moralidade através de uma tipologia, na qual organizou três grandes níveis, compostos, cada um, por dois estágios. Cada nível do desenvolvimento moral (pré-

convencional, convencional e pós-convencional) representa uma filosofia, uma visão de mundo. A cada estágio (1 e 2; 3 e 4; 5 e 6), os raciocínios morais diferem estruturalmente, implicando concepções diferentes de bem e de mal e, portanto, implicando outros tipos de raciocínio moral. Cada estágio é melhor do que o precedente porque representa uma melhor organização de conceitos. Assim, Kohlberg e colaboradores constroem um novo sistema classificatório da moralidade infantil e adulta, na qual os três níveis procuram refletir a percepção que o sujeito tem da regra social enquanto reguladora das ações do grupo (FREITAG, 1989; KOHLBERG, 1984,² apud KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 1997).

2.2.3 A perspectiva de Gilligan

Como contraponto às teorias de Piaget e Kohlberg sobre a moralidade, cabe ressaltar a teoria de Gilligan, que apresenta o desenvolvimento moral nas mulheres. Carol Gilligan, na década de 1980, fez críticas à ênfase de Kohlberg na “justiça” quanto à moralidade masculina, introduzindo a moralidade da responsabilidade e do cuidado como características principais no pensamento moral das mulheres (GILLIGAN, 1982,³ apud BIAGGIO 1999; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009; MARTINS; BRANCO, 2001; LA TAILLE, 2006). A crítica de Gilligan baseia-se no aspecto de Kohlberg, até então, haver realizado seus estudos principalmente com meninos e homens. Para ela, a mulher teria um pensamento ou uma conduta moral diferentes dos do homem (imparcialidade e justiça) – ou seja, seria baseado no autossacrifício e na preocupação (compaixão, responsabilidade e afeto).

Uma vez que os estudos originais de Kohlberg haviam sido realizados com meninos e homens, Carol Gilligan (1982,⁴ apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009) argumentou que o sistema por ele (Kohlberg) desenvolvido dava mais destaque a valores “masculinos” (justiça e imparcialidade) do que valores “femininos” (compaixão, responsabilidade e afeto). A teoria gilliganiana preocupa-se, principalmente, em identificar uma ética diferenciada daquela da justiça de Piaget e Kohlberg, a ética do cuidado, uma concepção de moralidade que centra o desenvolvimento moral em torno da compreensão da responsabilidade e dos

² KOHLBERG, L. (1984). *Essays on Moral Development. Vol. 2: The Psychology of Moral Development*. San Francisco, Harper and Row.

³ GILLIGAN, C. (1982).

⁴ GILLIGAN, C. (1982).

relacionamentos. Segundo Gilligan, o dilema central de uma mulher é o conflito entre suas próprias necessidades e as dos outros. Enquanto a maioria das sociedades tipicamente espera dos homens assertividade e julgamento independente, das mulheres espera-se autossacrifício e preocupação com os outros.

Posteriormente, no início da década de 1990, a autora considerou que o desenvolvimento moral *tanto* em homens *como* em mulheres vai além do raciocínio abstrato. Em estudos que utilizaram dilemas morais da vida real, em vez dos dilemas hipotéticos (como os utilizados por Kohlberg), Gilligan e colaboradores constataram que muitas pessoas aos 20 anos ficam insatisfeitas com uma lógica moral estreita e tornam-se mais capazes de viver com contradições morais (GILLIGAN; MURPHY; TAPPAN, 1990,⁵ apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). Desta forma, parece que, se a “voz diferente” das pesquisas anteriores de Gilligan refletia um sistema alternativo, ela não era baseada em gênero. Gilligan e Kohlberg, em suas teorias, concordaram em um mesmo ponto: ambas as teorias colocam a responsabilidade pelos outros no nível mais elevado de pensamento moral. Ambas reconhecem a importância, para ambos os sexos, dos vínculos com outras pessoas, da compaixão e do cuidado.

2.3 A CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO – ADOLESCÊNCIA

O processo de mudança e estabilidade, estudados pelos cientistas do desenvolvimento humano, ocorre em todos os aspectos do desenvolvimento e ao longo de todos os períodos do ciclo de vida. Cada vez mais as descobertas proporcionadas pela pesquisa passam a ter a aplicação direta no cuidado de crianças e jovens em áreas como a saúde e a educação. A adolescência é uma destas fases da evolução humana com características peculiares desta transformação.

A palavra adolescência vem do latim, *adolescere*, que significa crescer. Para alguns adolescentes, significa a idade da mudança, que pode ser física, cognitiva ou relacionada aos papéis sociais que eles passam a assumir perante a sociedade (BRÊTAS et al., 2008; SANTOS; ORTEGA, 2009). A adolescência configura-se como um período de passagem para a fase adulta, caracterizando-se pelas mudanças e adaptações das capacidades nos âmbitos

⁵ GILLIGAN, C.; MURPHY, J. M.; TAPPAN, M. B. (1990). **Moral development beyond adolescence**. In: ALEXANDER, C. N.; LANGER, E. J. (Eds.). Higher stages of human development (p.208-228). New York: Oxford University Press.

produtivo e reprodutivo. Esse período normalmente inicia-se com a manifestação dos primeiros sinais da puberdade e abrange também importantes mudanças psicológicas e sociais (CONTI, 2008). A mudança e a estabilidade ocorrem em vários domínios ou dimensões do eu. Esses domínios são distinguidos entre o *desenvolvimento físico*, *desenvolvimento cognitivo* e *desenvolvimento psicossocial*. Estão inter-relacionados e, ao longo da vida, cada um deles afeta os outros (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). A Organização Mundial da Saúde considera: (a) adolescentes, os indivíduos entre 10 e 19 anos de idade; (b) jovens, aqueles entre 15 e 24 anos; povo jovem, entre 10 e 24 anos (HALBE; HALBE; RAMOS, 2000). Durante a adolescência algumas mudanças se tornam evidentes, como o desenvolvimento da maturidade sexual e reprodutiva, o desenvolvimento psicológico dos padrões cognitivo e emocional do adulto e a emergência do estado infantil de total dependência socioeconômica para um estado de relativa independência.

O crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde fazem parte do **desenvolvimento físico** e podem influenciar os outros domínios do desenvolvimento. O desenvolvimento físico, nesta etapa do ciclo de vida do indivíduo, se caracteriza por um rápido aumento de estatura e peso, que geralmente começa nas meninas entre os 9 e os 14 anos e meio (mais comum por volta dos dez anos) e nos meninos entre os 10 e os 16 anos (geralmente aos doze ou treze). Este processo é denominado “surto de crescimento” (TOURINHO FILHO; TOURINHO, 1998; HALBE; HALBE; RAMOS, 2000; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). Este surto de crescimento costuma durar aproximadamente dois anos; pouco depois de seu término, o jovem atinge a maturidade sexual. Como este período ocorre geralmente mais cedo nas meninas, elas tendem a ser mais altas, mais pesadas e mais fortes que os meninos da mesma idade. Após o surto, os meninos novamente atingem a estatura plena por volta dos dezoito anos.

Meninos e meninas crescem diferentemente. Ele torna-se maior de um modo geral: os ombros ficam mais largos, as pernas mais longas em relação ao tronco, e o antebraço mais longo em relação à parte superior do braço e à estatura. A pelve da menina fica mais larga para facilitar o parto e camadas de gordura se acumulam sobre a pele, dando-lhe uma aparência mais arredondada. O surto de crescimento adolescente afeta praticamente todas as dimensões do esqueleto e dos músculos. O crescimento muscular atinge seu auge aos 12 anos e meio para as meninas e aos 14 anos e meio para os meninos

Já no período do **desenvolvimento cognitivo** ocorrem mudanças e estabilidade em capacidades mentais como aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade. Apesar de algumas peculiaridades da adolescência, a maioria dos

jovens emerge desta fase com o corpo amadurecido e saudável. O desenvolvimento cognitivo também progride; eles também pensam diferente do que quando crianças. Embora seu pensamento possa permanecer imaturo em alguns aspectos, muitos são capazes de raciocinar em termos abstratos e de emitir julgamentos morais sofisticados, além de planejar o futuro de modo mais realista (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). Os adolescentes entram em um nível mais alto de desenvolvimento cognitivo – **operações formais** – quando desenvolvem a capacidade de pensar em termos abstratos. Este desenvolvimento, que geralmente ocorre por volta dos onze anos, lhes proporciona uma maneira mais flexível de manipular a informação. Não mais limitados ao aqui e agora, eles conseguem entender o tempo histórico e o espaço extraterrestre. Estão aptos a pensar em termos do que *poderia* ser, não só do que *é*. São capazes de imaginar possibilidades e sabem formular e testar hipóteses.

Quanto ao período do **desenvolvimento psicossocial**, notam-se mudanças e estabilidades nas emoções, na personalidade e nos relacionamentos sociais, podendo estes, afetar o funcionamento cognitivo e físico (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). A adolescência é um estado psicossomático, pois existe uma íntima relação entre os componentes físicos e psicológicos do corpo; em vista do impacto de forças sociais sobre a estrutura psicológica, pode ser considerada como uma fase psicossocial, sendo um passo essencial no amadurecimento psicológico. Contudo, a adolescência é um estado de confusão, que perturba os outros e o próprio adolescente (HALBE; HALBE; RAMOS, 2000).

Esta fase (psicossocial) apresenta-se como um período tanto de oportunidades como de riscos. Os adolescentes estão no limiar do amor, da escolha de uma profissão e da participação na sociedade adulta. Também é um período em que alguns jovens assumem um comportamento que estreita suas opções e limita suas possibilidades. São importantes neste período os aspectos psicossociais da busca de identidade. A individualidade forte dos adolescentes tem diferentes formas de expressão no relacionamento com os pais, irmãos e, principalmente, com os amigos. O adolescente vive um período novo em sua vida, buscando encontrar como definir o seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Novas relações interpessoais são vivenciadas e estabelecidas, por meio da interação dentro de um grupo de iguais (BRÊTAS, 2008).

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968)⁶ (apud VERÍSSIMO, 2002) evidencia a tônica nas interações da criança/adolescente com o ambiente (Erikson compreende esta fase dos 13 aos 21 anos, aproximadamente). Suas ideias preconizam este

⁶ ERIKSON, E. **Identity, youth and crisis**. New York: Norton, 1968. [Trad. port.: Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.]

desenvolvimento psicossocial em oito fases, sendo a adolescência uma delas. Em cada fase, a pessoa tem de resolver sucessivamente uma crise resultante do conflito com o qual o meio social o confronta. Com a solução de uma crise, ascende epigeneticamente um determinado componente da personalidade; desenvolvem-se determinados sentimentos. É nesse contexto que seu *ego*, tentando estabelecer um sentimento de coerência no *self*, se pergunta sobre quem é como pessoa, o seu valor, qual é a impressão que causa aos outros etc. Nesse processo, em que o jovem tenta se encontrar e se afirmar, ele vai experimentando papéis, sobretudo no interior de um grupo de iguais, entre os quais se revê.

Embora acompanhada por uma orientação estruturada, a liberdade para explorar o meio através da identificação é essencial, pois permite ao jovem desenvolver um sentido firme e adequado de identidade do *ego*; que conhece seus talentos, aptidões e capacidades, mas que também tem um sentido adequado de suas limitações; que tem suas defesas contra ameaças e angústias inerentes à expressão dos impulsos e das necessidades, através dos papéis que adotou, por considerar os que melhor se adaptam à sua maneira de ser. Nesta “confusão de papéis”, entre reservas e receio de rejeição, sentindo-se isolado, vazio, angustiado e indeciso, pode o adolescente não aceitar a integração no complexo mundo dos adultos com a necessária adoção de uma identidade social, fixando-se em formas imaturas de agir.

Por fim, os pais podem também dificultar a passagem desta fase, pois, em sua preocupação vigilante, tentam ocultar partes significativas da realidade, tidas como indesejáveis. Isso em nada contribui para o sucesso da subsequente interação social, uma vez que ao tentarem fazer com que o adolescente só contate com o que seu ponto de vista lhe convém, impedem o reconhecimento de significativas porções da realidade, o que vem a resultar num modo de lidar com o desconhecido por meio de retraimento, uma vez que contribui para a elaboração de um modelo mental do mundo adulterado, inadequado para uma interação eficaz (ERIKSON, 1968,⁷ apud VERÍSSIMO, 2002; RABELLO; PASSOS, 2007).

2.4 AS ATITUDES MORAIS NO ESPORTE JUVENIL

Uma questão que vem recebendo especial atenção no âmbito esportivo está relacionada aos comportamentos e às condutas morais de jovens atletas em práticas, treinos e

⁷ ERIKSON, E. (1972).

competições esportivas. As participações esportivas de crianças e jovens são incentivadas e desenvolvidas em escolas e clubes, devido às suas possibilidades de formação do caráter, disciplina, vontade, convivência em grupo e de “preparação para a vida” (GONÇALVES et al., 2006). Entretanto, apesar das características positivas que o esporte pode desenvolver em crianças e jovens, alguns estudos sugerem que a prática esportiva pode não ser geradora de convicções e atitudes pró-sociais.

Os estudos sobre os comportamentos e as atitudes têm se baseado em diversos aspectos que abrangem o esporte. As atitudes consideradas positivas (pró-sociais) e negativas (antissociais) têm sido o foco dessas investigações (SAMPOL et al., 2007; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; TSAI; FUNG, 2005; DODGE; ROBERTSON, 2004; GONÇALVES et al., 2006). Questões relativas às condutas dos jovens, referentes ao *fair play*, à trapaça, ao antidesportivismo, ao empenho e ao respeito às convenções sociais que se estabelecem no meio esportivo, além do papel de técnicos e treinadores, permitem discussões e reflexões sobre o tema.

O esporte tem passado por transformações, principalmente o profissionalizado. Essas transformações provocam mudanças no comportamento dos atletas, com reflexos em jovens praticantes, e nas relações com as modalidades esportivas. Segundo Rubio (2007), o esporte é hoje um fenômeno influenciado por inúmeros interesses, regidos por regras próprias, conforme o momento e o lugar onde ele se dá. Ainda, segundo a autora, isso tem levado a inúmeras interpretações do conceito de *fair play*, um código de ética esportivo não formalizado, e a uma indefinição da melhor conduta esportiva do atleta, tanto em situações de treinos como de competições. O *fair play* presume que haja uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição e que ele não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes (TAVARES, 1999; GONÇALVES, 1999; MARTINS; BRANCO, 2001; RUBIO, 2007).

As manifestações das atitudes dos jovens se apresentam de maneiras distintas. As chamadas condutas pró-sociais têm sido evidenciadas através de atitudes como o *empenho* e a *convenção*. O empenho demonstra os comportamentos relacionados na participação: “ser digno, dar o melhor de si mesmo”, “esforçar-se mesmo sabendo das dificuldades em relação aos adversários (possibilidade da derrota)”; “visa à melhora pessoal como objetivo e não desistir, mesmo após os erros”; “é importante a valorização, a presença e a participação nos treinamentos” (CLIFFORD; FEEZEL, 2001; GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007). As ações de empenho do atleta se manifestam quando ele participa de todos os treinamentos, tenta fazer o melhor que pode, pensa em como pode

melhorar o seu desempenho, esforça-se mesmo estando certo da derrota, jamais desistindo, mesmo depois de cometer erros.

O papel do treinador é considerado decisivo para o desenvolvimento dos atletas. Os comportamentos e as atitudes dos jovens estão diretamente relacionados com o tipo de treino e o formato de competição de que participam. É importante que os treinadores exercitem as virtudes do esporte para o empenho como práticas cotidianas. Deve haver respeito aos adversários, companheiros e árbitros. Deve-se ensinar que no esporte nem sempre o mais importante é a vitória, mas, sim, como ela é conquistada, através da luta, do empenho pela excelência da prática, cumprindo as regras e os costumes do jogo como elementos fundamentais da competição e da disputa. Elogiar sempre que possível o bom comportamento e o esforço demonstrado pelos atletas na tentativa de fazer sempre o seu melhor durante as disputas, encorajando os jogadores a refletir por si próprios e a realizarem um julgamento sobre suas condutas esportivas e experiências vivenciadas durante as práticas (CLIFFORD; FEEZEL, 2001).

Outra dimensão de atitude pró-social é denominada *convenção*. Ela está relacionada ao respeito pelos adversários, bom relacionamento, dignidade na vitória e na derrota. Essa dimensão se manifesta nos seguintes comportamentos: “parabenizar o adversário, mesmo após derrota”; “cumprimentar o treinador do adversário”; “parabenizar o adversário por uma boa *performance*”; “cumprimentar com aperto de mão o adversário, ganhando ou perdendo” e “cumprimentar o adversário depois de tê-lo vencido” (GONÇALVES et al., 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007).

A dimensão da convenção tem forte componente do respeito à correção das ações, perante a regra do jogo e o adversário. Existe inclusive um modelo de prática esportiva alternativa – alternativa divisória ao esporte profissional –, em que a prática tem fundamento nos valores sociais do “espírito esportivo”, sugerido pelo RSSQ (La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec, Canadá, 1979), apresentando recomendações às pessoas envolvidas direta ou indiretamente com atividades esportivas. Os educadores, os pais, os treinadores, os atletas, todos são convidados a mostrar que possuem espírito esportivo, cumprindo os dez artigos da Carta sobre o Espírito Esportivo (1984⁸ apud SANTOS, 2005; GONÇALVES, 1989).

⁸ DESHAINES, P.; VALLERAND, R.; CURRIER, J.P. (1984). **La connaissance et l'attitude des jeunes sportifs quebécois face a l'esprit sportif**. Québec: La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec.

Artigo 1	Mostrar espírito esportivo é antes de tudo respeitar escrupulosamente todos os regulamentos; significa nunca procurar deliberadamente cometer uma infração aos regulamentos.
Artigo 2	Mostrar espírito esportivo é respeitar os árbitros do jogo. A presença de árbitros é absolutamente indispensável na competição. Eles têm um papel difícil e ingrato a desempenhar. Eles merecem o respeito de todos.
Artigo 3	Mostrar espírito esportivo é aceitar todas as decisões do árbitro, sem nunca pôr em causa a sua honestidade
Artigo 4	Mostrar espírito esportivo é reconhecer com dignidade, na situação de vencidos, a superioridade do adversário.
Artigo 5	Mostrar espírito esportivo é aceitar a vitória com modéstia e sem ridicularizar ou diminuir o adversário.
Artigo 6	Mostrar espírito esportivo é saber reconhecer os bons resultados do adversário
Artigo 7	Mostrar espírito esportivo é querer competir com igualdade de circunstâncias com o adversário. É contar apenas com seu talento e suas capacidades para alcançar a vitória.
Artigo 8	Mostrar espírito esportivo é recusar ganhar por meios ilegais e/ou fraudulentos.
Artigo 9	Mostrar espírito esportivo significa para os árbitros conhecer bem todas as regras e aplicá-las com imparcialidade.
Artigo 10	Mostrar espírito esportivo é ser digno em todas as circunstâncias; é demonstrar controle sobre si próprio. É recusar utilizar em qualquer situação a violência física ou verbal.

Quadro 1 – Artigos da Carta sobre o Espírito Esportivo

Fonte: Carta sobre o Espírito Esportivo (1984⁹ apud SANTOS; 2005, p. 22)

Por outro lado, a participação dos jovens no esporte também aponta para alguns comportamentos considerados antissociais. Essas condutas se mostram presentes nos treinos e nas competições em atitudes como a *trapaça* e o *antidesportivismo*. De acordo com Reddiford

⁹ DESHAINES, P.; VALLERAND, R.; CURRIER, J.P. (1984).

(1998,¹⁰ apud LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007), a trapaça é caracterizada por três aspectos: (a) envolve a procura de ações para se obter ganhos de forma ilícita, violando a regra do jogo; (b) envolve a concordância das reais intenções, as quais, o engano e a decepção são essenciais; (c) a trapaça tem sucesso se a vítima ou parte independente (juiz) é convencida de que está tudo bem. Estas condutas se referem a ações caracterizadas verbalmente por: “trapacear se isso me ajudasse a vencer”; “se outros estão trapaceando, posso fazer o mesmo”; “eu trapaceio se puder me dar bem com isto”; “às vezes eu tento trapacear”; “é certo trapacear se ninguém ficar sabendo”; “algumas vezes eu trapaceio para obter vantagem”; “tento fazer o juiz arbitrar em meu favor, mesmo quando ele não deveria fazê-lo” (LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008). A trapaça tem uma particularidade em sua interpretação quanto ao aspecto cultural para sua tradução.

Soares (1994) aponta a “malandragem” (um correspondente em português do Brasil para trapaça) como um elemento integrante do esporte brasileiro. O autor interpreta e descreve a malandragem como elemento construtor de identidade. Popularmente, a malandragem poderia ser definida como a capacidade que o jogador possui de transformar o que poderia ser desvantagem em sorte. Ainda, segundo o autor, a malandragem pode ser considerada como a capacidade do jogador tumultuar premeditadamente o jogo, através de reclamações, provocações e dissimulações que intencionam desestruturar o adversário psicologicamente (características associadas ao antidesportivismo). Está relacionada, também, como uma série de ações, que visam garantir algum tipo de vantagem individual na competição através da violação das regras universais que regulam tal atividade (o jogo). No esporte, em que as normas dependem da intervenção imediata do árbitro quanto à aplicação das regras, a arte do malandro é jogar e criar fatos que induzam a interpretações a seu favor.

Por fim, outro comportamento relacionado com atitudes consideradas antissociais é o *antidesportivismo*. As condutas antidesportivas são percebidas por violarem o espírito do jogo, mais propriamente do que as regras. São estratégias para enervar ou distrair psicologicamente o adversário e vencer sem trapacear (não viola as regras do jogo, mas viola o espírito esportivo do jogo). Promovem táticas e práticas que podem não ser seguras aos participantes, bem como à integridade do jogo (SAMPOL, 2007). Muitas regras são criadas para prevenir condutas que possam provocar desnecessariamente risco de lesões. As técnicas (artifícios) que causam dor ou põem em perigo os atletas violam a premissa fundamental da competição e da prática esportiva. Intimidação física, lesão provocada intencionalmente,

¹⁰ REDDIFORD, G. (1998). Cheating and self-deception in sport. In: McNAMEE, M.J.; PARRY, S.J. (Eds.), **Ethics and sport** (pp.225-239). London: E and F.N. Spon.

derrubar o adversário deliberadamente argumentando que “faz parte do jogo” introduzem elementos perigosos à prática esportiva. O esporte deve ter sua integridade; e toda modalidade esportiva deve desenvolver-se através da melhoria de suas regras, definindo os critérios para as boas práticas. Podem-se perceber atitudes antidesportivas quando o atleta admite: “gastar seu tempo perturbando o adversário”; “não sendo contra a regra, é certo perturbar o adversário”; “se eu não quiser que o adversário jogue bem, eu prejudico seu desempenho”; “ser uma boa ideia deixar o adversário irritado” (LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007).

Alguns estudos têm apresentado informações sobre as atitudes morais de jovens atletas no esporte. Em recente pesquisa, Lee et al. (2008) apresentou resultados com o propósito de examinar as motivações psicológicas fundamentais que resultam dos jovens em mostrarem atitudes desejáveis e não desejáveis no esporte. A amostra foi composta por 892 sujeitos (503 do sexo masculino e 389 do sexo feminino), com idades entre 12 e 15 anos, oriundos de clubes esportivos e representando os doze esportes mais populares do Reino Unido e escolas secundárias de quatro condados ingleses. Os atletas eram competidores, em seus clubes ou escolas, de esportes coletivos (531) ou de esportes individuais (271).

O trabalho teve como objetivo examinar o papel das orientações para a realização, refletindo a expressão dos valores nas atitudes. A noção de valor vem junto de questões como predileção e preferência. Um valor “é uma crença duradoura, em que o modo de conduta ou um estado último de existência é pessoal e socialmente preferido a um oposto modo de conduta ou estado final de existência” (ROKEACH, 1981, p. 132). Uma atitude pode ser descrita como “uma organização de crenças diversas focalizada num objeto específico (físico ou social, concreto ou abstrato) ou uma situação, predispondo alguém a responder de uma maneira preferencial. (ROKEACH, 1981, p. 131). Foram utilizados três instrumentos para a pesquisa. O primeiro, continha questões relativas a três tipos de valores: **valores morais** – obediência, justiça, espírito esportivo, sentimento de utilidade, manter o contrato (enquanto regras do jogo estabelecido); **valores de competência** – alcançar o objetivo, mostrar habilidade e autorrealização; **valores de status** – vencer, ter boa imagem pública e exercer liderança. O segundo instrumento continha questões sobre **orientações para realização** – **orientação para tarefa-3**; **orientação para o ego-3**. O terceiro instrumento abordava questões de **atitudes**, referentes a quatro dimensões: trapaça, antidesportivismo, empenho e convenção.

Descobriu-se que as atitudes pró-sociais apontaram positivamente para os valores morais e de competência, enquanto as atitudes antissociais apontaram positivamente para os valores de status e negativamente para os valores morais. A orientação para a tarefa apontou

parcialmente os efeitos dos valores de competência para atitudes pró-sociais e a orientação para o ego apontou os efeitos dos valores de status para atitudes antissociais.

Outro dado importante são os efeitos diretos da expressão dos valores nas atitudes no esporte de jovens. As atitudes pró-sociais de empenho e respeito pelo esporte expressam valores morais e de competência. As atitudes antissociais de *trapaça* e *antidesportivismo* expressam valores de status inversos aos valores morais. Isso mostra que uma atitude pode refletir mais do que um valor e que atitudes morais são derivadas de valores morais e não morais. Os valores morais podem demonstrar atitudes pró-sociais e antissociais.

Essas descobertas permitem afirmar o ponto de vista de que as atitudes para a tomada de decisão moral no esporte são baseadas num sistema de valores do agente e que prevalece a interpretação do sucesso deste agente. Se o esporte serve como elemento para o desenvolvimento moral, técnicos, professores e pais deveriam promover valores morais e de competência, mais do que os valores de status (LEE et al., 2008).

2.5 AS ESTRUTURAS GERAIS DOS JOGOS COLETIVOS DE INVASÃO

As práticas, treinos e competições esportivas representam uma realidade na formação de muitos jovens nas escolas e nos clubes. Os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), as Modalidades Esportivas Coletivas (MEC), os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) ou os Jogos Coletivos de Invasão (JCI) são utilizados com esse objetivo e são assim denominados por caracterizarem os chamados “esportes de oposição e cooperação” (KONZAG, 1991; SILVA; DE ROSE JÚNIOR, 2005; BOMPA, 2005; LOVATTO; GALATTI, 2007; GARGANTA 1994, 1998, 2006; BAYER, 1994; REVERDITO; SCAGLIA, 2009). O basquetebol, o handebol, o futebol de campo e o futsal são algumas destas modalidades.

Os Jogos Coletivos de Invasão se caracterizam pelo confronto, pela comunicação (cooperação) e pela contracomunicação (oposição), tanto ofensiva quanto defensivamente, entre jogadores, exercida simultaneamente em um mesmo espaço (MESQUITA, 2004,¹¹ apud REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Também se caracterizam pela existência de condições de intervenção sobre a bola, disco, cesta ou sobre o adversário, com o objetivo de obter o

¹¹ MESQUITA, I. Refundar concepções, estratégias e metodologias no ensino e treino dos jogos desportivos. **Revista Horizonte**, v. 20, n.116, p. 1-12, 2004.

resultado, que pode ser alcançar o alvo para marcar o ponto/gol ou impedir que o adversário (atacante) chegue a ele (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Quanto ao contato e às cargas, variam entre muito limitado (basquetebol), limitado (handebol) e rude (futebol de campo e futsal), privilegiando maior contato entre os jogadores e variabilidade da circulação dos jogadores em função do objetivo (BAYER, 1994).

Os esportes coletivos são atividades nas quais os sujeitos, colaborando com seus companheiros de equipe de forma combinada, se enfrentam diretamente com a equipe adversária, tentando em cada ato atingir os objetivos do jogo, evitando ao mesmo tempo que os adversários façam o mesmo (GONZALEZ, 2004). Neste tipo de jogo, as permanentes alterações e mudanças das posições dos jogadores, por força das táticas, obrigam a uma releitura das relações recíprocas e de interdependência entre os diferentes elementos da equipe (BAYER, 1994). A relação de oposição entre os elementos das duas equipes em confronto e a relação de cooperação entre os elementos da mesma equipe, ocorridas num contexto aleatório, traduzem a essência dos Jogos Coletivos de Invasão. O que caracteriza esses jogos é o confronto entre duas equipes, condicionadas pelo cumprimento de um regulamento e que se dispõem de uma forma particular no terreno do jogo, movimentando-se com o objetivo de vencer (BOMPA, 2005; LOVATTO; GALATTI, 2007). Tanto no ataque como na defesa, as sucessivas configurações que o jogo vai experimentando resultam da forma como ambas as equipes geram as relações de cooperação e oposição em função do objetivo do jogo (GARGANTA, 1998). Consideram-se as categorias *equipe* e *adversário* como sendo das mais importantes e caracterizadoras dos jogos desportivos coletivos (MOUTINHO, 1994; GARGANTA, 1994).

Temos um conceito de equipe quando se fala de comunicação e cooperação interindividual, quando se referem às relações estabelecidas pelos jogadores da mesma equipe, no sentido da conjugação dos esforços individuais para alcançar o objetivo comum. Ainda, fala-se sobre comunicação e cooperação de equipe quando se refere, de uma forma mais abrangente, à integração dos planos de ações individuais no projeto da organização coletiva – isto é, a resposta coletiva coordenada e única, construída através das diferenciadas ações individuais (MOUTINHO, 1994). Garganta (1994) ressalta a cooperação entre elementos de uma mesma equipe para vencer a oposição dos elementos da equipe adversária. A cooperação seria o modo de comunicar através do recurso a sistemas de referências comuns que, no caso, são de natureza motora (noção de equipe). Para cooperar e vencer a oposição dos adversários, deve-se desenvolver nos praticantes o espírito de colaboração e ajuda, podendo o jogo constituir-se num campo privilegiado para que os praticantes expressem sua

individualidade, manifestem suas capacidades e aprendam a subordinar seus interesses pessoais aos da equipe. O oposto, ou seja, as noções de contracomunicação e oposição, referentes às relações coletivas ou individuais estabelecidas entre as duas equipes e seus jogadores, no sentido da superação mútua, apontam para o conceito de adversário (MOUTINHO, 1994).

Oposição e cooperação constituem condições básicas reversíveis, tanto no ataque como na defesa – e as sucessivas configurações que o jogo vai experimentando decorrem da forma como os jogadores e as equipes geram as relações de vantagem e desvantagem, em função dos objetivos. Isso significa que a alteração do dispositivo defensivo ou ofensivo de uma equipe, num dado instante, é indutivo de alterações na configuração momentânea do dispositivo ofensivo ou defensivo da equipe contrária (GARGANTA, 2006). Nos JDC é possível identificar duas grandes fases, em cada uma das quais as equipes perseguem objetivos antagônicos: a fase de ataque, quando a equipe tem a posse de bola e, procurando mantê-la, tenta criar situações de finalização e marcar pontos, cestas ou golos; e a fase de defesa, quando a equipe não tem a posse da bola e, procurando apoderar-se dela, tenta impedir a criação de situações de finalização e a marcação dos pontos, cestas ou golos do adversário (GARGANTA, 1994).

Os JDC são atividades ricas em situações imprevistas, às quais o indivíduo que joga tem que responder. O comportamento dos jogadores é determinado pela interligação complexa de vários fatores (de natureza psíquica, física, tática, técnica etc.). Os jogadores devem resolver as situações de jogo, que exigem elevada adaptabilidade, especialmente no plano tático-cognitivo (GARGANTA, 1994). Uma das características da atividade nos JDC é que todas as ações realizadas são fortemente determinadas do ponto de vista tático, na qual duas equipes formam entidades coletivas que planificam suas ações para agir uma contra a outra, cujo comportamento é determinado pelas relações de contraste (ataque/defesa), em relação à bola, ao cesto, à baliza e ao adversário (KONZAG, 1991; GARGANTA, 1994, 1998, 2006; SILVA; DE ROSE JÚNIOR, 2005; DAOLIO, 2002).

A tática, conforme Konzag (1991) é definida como o conjunto de normas e comportamentos individuais que servem para, na situação do jogo, utilizar pressupostos que a sustentem, otimizando-os, quer nos componentes condicionais, motores ou psicológicos. Desta forma, tais normas e comportamentos são estruturados a partir das linhas de conduta, das capacidades de prestação, da maneira de jogar do adversário, das condições externas, das regras do jogo e das condições da competição (tática individual e coletiva). Platonov (2004) refere que a tática corresponde à teoria e à prática da organização e realização da atividade

especializada para alcançar os objetivos nas situações de conflito, com base nos princípios, nos esquemas e nas normas de comportamento formulados a partir de determinadas regras. A tática consiste, portanto, em determinar meios e encontrar soluções para os problemas práticos surgidos nas situações de jogo. O desenvolvimento do conhecimento que o atleta tem sobre o jogo possibilita o incremento das possibilidades de escolha, o que faz parte da construção da atitude tática do jogador (SILVA; DE ROSE JÚNIOR, 2005). Os inúmeros problemas surgidos no jogo obrigam o jogador a decidir e selecionar qual é a solução mais adequada com a situação, obedecendo aos princípios gerais do jogo através do conhecimento que ele possui do desporto. Os jogadores têm que saber o que fazer, para, depois, selecionar como fazer, utilizando a ação motora mais adequada ao problema (COSTA et al., 2002).

Elementos táticos ofensivos	Acertar o alvo; transportar a bola ao objetivo (relacionados com o objetivo); tirar vantagem tática no jogo; jogo coletivo (relacionado com o colega); reconhecer espaços; superar o adversário (relacionado com o adversário); oferecer-se e orientar-se (relacionado com o meio ambiente).
Elementos táticos defensivos	Correspondem às ações táticas de como evitar que o adversário acerte o objetivo; dificultar o jogo do adversário, não dando espaços para as ações contrárias.

Quadro 2 – Elementos táticos básicos dos JDC

Fonte: Kroger e Roth (2006, p.15)

Uma vez que o aspecto tático se coloca como questão central nos JDC, que exige do praticante o saber *o que fazer* através de uma adequada capacidade de decisão e de leitura do jogo, surge à necessidade de se materializar a ação, utilizando-se uma gama de recursos específicos, chamados de *técnica*. Em distintas atividades humanas, a técnica, de forma genérica, é entendida como o conjunto de processos bem-definidos e transmissíveis que se destinam à produção de certos resultados.

Nos JDC, a técnica é constituída por ações motoras, formas de expressão do comportamento, realizadas no sentido de solucionar os problemas que as várias situações de jogo colocam ao praticante (GARGANTA, 1998). Trata-se de uma motricidade especializada específica de uma modalidade esportiva, que permite resolver de uma forma eficiente as

tarefas do jogo. A obtenção de êxito em qualquer desporto é realizada por meio de procedimentos e ações reunidos em um sistema, de acordo com a especificidade deste desporto. Este sistema de procedimentos e ações denomina-se técnica da atividade competitiva. A técnica visa atingir o efeito final: golos, pontos ou cestas (PLATONOV, 2004). Segundo KONZAG (1991) são particularidades da técnica nos JDC:

- diversidade de elementos técnicos existentes;
- técnica individual;
- combinações de movimentos que pertencem aos vários componentes da técnica;
- rápida atuação dos programas de ação, de acordo com as necessidades do jogo;
- variabilidade elevada de execuções de uma mesma ação (sempre adaptada à situação);
- grandes diferenças entre as velocidades de execução que são possíveis utilizar;
- exatidão na forma como os atos motores são realizados, no que se refere à obtenção do objetivo (precisão);
- execuções motoras sob a pressão direta e indireta do adversário;
- utilização das ações individuais de finta;
- utilização dos elementos técnicos em situação de esforço físico e psicológico.

O rendimento esportivo dos JDC também está relacionado a outros componentes, além da técnica e da tática. Os requisitos coordenativos e condicionais, além dos psicológicos, são mencionados para que se enfrente com sucessos as exigências apresentadas pelo jogo (BOMPA, 2005; GARGANTA, 1998). As capacidades coordenativas são determinadas pela função de coordenação motora que os movimentos obrigam estar presentes, que se apresentam numa estreita interação com as diferentes habilidades motoras. São consideradas fundamentais nos JDC: capacidade de controle motor, reação motora, diferenciação motora, combinação motora e transformação motora (KONZAG, 1991). Dentre as capacidades

condicionais, inclui-se a força explosiva, impulsão, velocidade de deslocamento, velocidade de execução e resistência de força explosiva e de aceleração.

Quanto aos requisitos psicológicos, os JDC apresentam a exigência de determinadas qualidades. Dentre elas: *qualidades volitivas* (decisão, coragem, tenacidade e autodomínio); *qualidades de atenção* (intensidade, concentração e persistência); *funções cognitivas* (percepção do movimento e posição dos companheiros, dos adversários e da bola, além da capacidade de raciocínio e imaginação); *Qualidades psicossociais* (cooperação e comunicação) (KONZAG, 1991).

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de natureza transversal, no qual a informação é obtida pedindo-se aos sujeitos que respondam às questões formuladas através de questionários (THOMAS; NELSON, 2002).

3.2 SUJEITOS

O estudo contou com a participação de sete profissionais (quatro tradutores públicos juramentados e três especialistas na área da Psicologia do Esporte com mestrado e experiência de campo, não inferior a cinco anos, com a população alvo do questionário), que aceitaram, de forma livre e esclarecida, participar dos processos de tradução, adaptação e validação de conteúdo do Questionário de atitudes no esporte (QAE). O número de tradutores e juízes participantes segue as recomendações de Hernandez-Nieto (2002) e Vallerand (1989) para processos de validação transcultural de instrumentos. Participaram, também, 265 atletas dos JCI (futebol de campo, futsal, basquetebol e handebol), vinculados a programas esportivos de competição, de escolas e clubes da região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Paraná), da faixa etária de 13 a 16 anos de idade, de ambos os sexos.

O tamanho da amostra foi determinado em função das recomendações de Dassa (1999), o qual propõe que para cada item do instrumento sejam considerados dez sujeitos. Todos os participantes foram escolhidos pelos critérios de disponibilidade e acessibilidade (MAGUIRE; ROGERS, 1989). Participaram do estudo somente jovens cujos pais ou representantes legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que manifestaram verbalmente seu desejo de participar. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 2007721.

3.3 INSTRUMENTOS

Para esta pesquisa foram utilizados três instrumentos. O primeiro é denominado Escala de Clareza e Pertinência, do tipo Likert (em 5 pontos), aplicada a juízes (peritos) avaliadores do instrumento. A Escala de *Pertinência e Clareza* (EPC) constou de duas subescalas independentes: a primeira mede a pertinência teórica das questões e a segunda mede a clareza dos itens do QAE-23. Essas duas dimensões foram medidas a partir de uma escala bipolar, do tipo Lickert, com cinco pontos, variando de (1) “pouquíssima pertinência (ou clareza)” até (2) “muitíssima pertinência (ou clareza)”. Essa escala é baseada na consistência do julgamento dos juízes de reconhecida experiência e competência na área do estudo. O segundo é denominado Questionário de atitudes no esporte (QAE) e avalia em que nível o atleta concorda (ou discorda) com as atitudes declaradas nos itens do questionário. O instrumento contém 23 itens, distribuídos de forma aleatória e relacionados a quatro dimensões atitudinais no esporte. Há duas dimensões consideradas pró-sociais (*empenho* e *convenção*) e duas dimensões consideradas antissociais (*trapaça* e *antidesportivismo*). A dimensão *empenho* se faz presente nas afirmativas de nº 01, 06, 11, 15, 21; a dimensão *convenção* nas afirmativas de nº 04, 08, 12, 17, 22; a dimensão *trapaça* nas afirmativas de nº 03, 05, 09, 10, 13, 16, 19, 23; a dimensão *antidesportivismo* nas afirmativas de nº 02, 07, 14, 18, 20. As respostas ao questionário foram dadas através de uma escala de tipo Likert, com graduação de cinco pontos, indo de (1) “discordo firmemente da declaração” a (5) “concordo firmemente com a declaração”. As propriedades métricas desse instrumento foram avaliadas no estudo de Gonçalves et al. (2006), que foi traduzido e adaptado para o contexto esportivo de Portugal. Por fim, o terceiro instrumento utilizado foi o Questionário de identificação das variáveis de controle (QIVC), presente no cabeçalho do QAE, contendo informações sobre sexo, modalidade, número de treinos semanais, escola/clube etc.

3.4 PROCEDIMENTOS

Para proceder-se à tradução, adaptação e validação de conteúdo, se seguiu o que recomenda a literatura na área de validade transcultural de instrumentos (HERNANDEZ-NIETO, 2002; VALLERAND, 1989; BARROS, 2002; CASSEP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010). Foram contratados dois tradutores públicos juramentados para a tradução;

e para avaliar a clareza e a pertinência dos itens do instrumento foram convidados especialistas com mestrado na área da Psicologia do Esporte.

Quanto à tradução do QAE-23, foi utilizada a técnica da *tradução reversa*, recomendada por Vallerand (1989). Primeiramente, foram realizadas duas traduções independentes do questionário (do inglês para o português, por dois tradutores de língua materna portuguesa). Em um segundo momento, outros dois tradutores (língua materna inglesa) retraduziram para o inglês as versões traduzidas anteriormente para o português.

Quanto aos procedimentos para avaliar a clareza e a pertinência dos itens do QAE, foram convidados três juízes avaliadores, especialistas na área da Psicologia do Esporte, selecionados com base em sua reconhecida experiência e que foram escolhidos a partir dos seguintes critérios: mestrado em Psicologia do Esporte e experiência de campo, superior a cinco anos, com a população alvo do questionário. Os juízes revisaram, individualmente, os 23 itens do instrumento, considerando a pertinência teórica dos enunciados e sua clareza. Essas duas dimensões foram medidas a partir de uma escala bipolar, do tipo Lickert, em cinco pontos, variando de (1) “pouquíssima pertinência (ou clareza)” até (5) “muitíssima pertinência (ou clareza)”. Como os avaliadores escolhidos nesta investigação nunca participaram previamente de estudos com escalas semelhantes, foi solicitado que eles fundamentassem seu julgamento, unicamente, em sua experiência prática. Como as decisões dos juízes foram tomadas a partir de julgamentos pessoais, era esperado que o acordo interjuíz (consistência de suas respostas) fosse relativamente baixo.

Para aplicação dos instrumentos aos atletas juvenis, foram contatados os pais ou responsáveis legais pelos jovens atletas praticantes dos jogos coletivos de invasão (JCI), participantes de programas esportivos de competição. O contato ocorreu nos locais onde se realizavam os projetos correlatos, mediante apresentação do Termo de Concordância da Instituição (TCI) (Anexo A). No caso de os pais não estarem presentes, foram contatados os treinadores, para que eles fornecessem informações que permitissem que os pais pudessem ser encontrados pelos pesquisadores.

Após os devidos esclarecimentos aos pais ou responsáveis legais, os sujeitos da amostra foram convidados a participar da pesquisa. Para tanto, foram claramente informados de que sua contribuição ao estudo seria voluntária e poderia ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo pessoal ou punição. Todos os cuidados foram tomados para garantir o sigilo das informações, preservando a identidade dos participantes. Após o esclarecimento feito para ambas as partes – jovens e responsáveis –, o pesquisador solicitou

que ambos assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B). O tempo estimado para responder aos inventários foi de aproximadamente 25 minutos.

Encerrado os trabalhos de coletas, os dados foram digitados na planilha eletrônica SPSS (versão 15.0 para Windows). Com a intenção de assegurar a confiabilidade dos dados colhidos e digitados, foi conduzido um procedimento de verificação. Para tanto, foram realizadas as análises das frequências das respostas aos itens com o propósito de verificar se em algum caso houve respostas fora do intervalo esperado (conforme escala tipo *Likert*). Através desse procedimento, esperou-se obter um banco de dados mais confiável para a realização das análises. O resultado das análises será apresentado conforme os princípios comumente aceitos na literatura internacional (ANGERS, 1992; A ÇI; A ÇI; ZORBA, 1999; BARTHOLOMEW et al., 1998; BISQUERA, 1987; EKLUND et al., 1997).

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Para operacionalização das análises de dados foi utilizado o programa estatístico SPSS 15.0. Três grupos de análises foram realizados, a saber: análise de itens (clareza e pertinência), análises descritivas e análises de comparação entre as variáveis do estudo. O primeiro grupo explorou a adequação dos itens e das dimensões do QAE-23 (clareza e pertinência) a serem usados neste estudo. O segundo grupo é composto pelas análises descritivas, a saber: de tendência central (média, média-aparada 5%, moda, mediana), dispersão (desvio padrão) e distribuição (normalidade, assimetria e achatamento). A análise da distribuição permitiu tomar a decisão a respeito do uso de instrumental paramétrico ou não paramétrico. O terceiro e último grupo de cálculos contemplou as análises comparativas entre as variáveis. Assim, a exploração dos escores obtidos pelos questionários seguiu os princípios norteadores comumente aceitos na literatura especializada (ANGERS, 1992; PESTANA; GAGEIRO, 2003; REIS, 2001).

3.6 ESTUDO PILOTO

O estudo piloto teve por objetivo abordar as atitudes morais de atletas juvenis das Modalidades Esportivas Coletivas (MEC): futebol de campo, futsal, basquetebol, handebol e

voleibol. O objetivo da pesquisa foi comparar qual das dimensões atitudinais – *empenho*, *convenção*, *antidesportivismo* ou *trapaça* – representa as ações mais assumidas declaradamente entre os atletas de ambos os sexos, de 13 a 16 anos. Para tanto, foi aplicado o Inventário de atitudes para a tomada de decisão moral no esporte juvenil (IATDMEJ-23). As respostas aos itens do IATDMEJ-23 foram dadas conforme uma escala de tipo Likert, bidirecional, graduada em cinco pontos, partindo de (1) “discordo firmemente da declaração” até (5) “concordo firmemente com a declaração”. A pesquisa contou com a participação de um grupo de 219 atletas.

Consideradas apenas as respostas dos atletas do sexo masculino, os resultados foram os seguintes: *empenho* ($\bar{x} = 23,02$) e *antidesportivismo* ($\bar{x} = 22,11$), estatisticamente indissociáveis em primeiro lugar; seguidos por *trapaça* ($\bar{x} = 19,54$) e *convenção* ($\bar{x} = 18,27$), também estatisticamente indissociáveis, em segundo lugar. Para as atletas do sexo feminino aparecem: *convenção* ($\bar{x} = 22,84$) e *empenho* ($\bar{x} = 22,82$), estatisticamente indissociáveis, em primeiro lugar; *antidesportivismo* ($\bar{x} = 18,31$), em segundo lugar; e *trapaça* ($\bar{x} = 11,07$), em terceiro. A comparação intersexo mostrou que as dimensões *antidesportivismo* e *trapaça* estão mais evidentes nos atletas do sexo masculino, enquanto a dimensão *convenção* está mais evidente nas atletas do sexo feminino. Através dos resultados foi possível concluir que os atletas dessa faixa etária buscam se empenhar ao máximo para obter rendimento durante os treinamentos e as competições. Além disso, destaca-se a forma evidente como se expressa a competição no sexo masculino, em razão do destaque dado às dimensões *antidesportivismo* e *trapaça*. Já para as atletas do sexo feminino, a sociabilidade parece ser um aspecto determinante, em razão do destaque dado para as atitudes relacionadas à dimensão *convenção*. Espera-se que esse estudo possa contribuir para um plano de atividades que priorize o desenvolvimento moral dos atletas.

Para maiores informações sobre este estudo, recomenda-se consultar o artigo completo publicado na Revista Motriz (Rio Claro, São Paulo), volume 16, número 2, 2010.

4 RESULTADOS

Para responder adequadamente à questão central desta pesquisa, procedeu-se à exploração dos escores obtidos por seu instrumento, segundo princípios norteadores comumente aceitos na literatura especializada (PESTANA; GAGEIRO, 2005; REIS, 2001). A seguir, apresentaremos, sucessiva e sistematicamente, os resultados da tradução, da adaptação e da validação de conteúdo do QAE-23, das estatísticas descritivas obtidas na aplicação dos instrumentos para a amostra “geral” e das comparações das médias (conforme a variável controlada “sexo”). Para tanto, utilizou-se o programa estatístico SPSS 15.0, a fim de analisar os dados.

4.1 TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO

O QAE-23 é um instrumento que teve seu conteúdo traduzido, adaptado e validado para a língua portuguesa do Brasil, a partir dos estudos de Gonçalves et al. (2006) – em que os autores traduziram, adaptaram e validaram o instrumento para a língua portuguesa de Portugal.

Para a versão brasileira do instrumento, seguiram-se passos descritos por Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010). Após a tradução do inglês para o português e da retradução do português para o inglês, as duas versões em inglês, as duas versões em português e o original foram analisadas por um comitê que reuniu três pessoas: um tradutor do original, um pesquisador e um membro externo à pesquisa. Questões divergentes do original em inglês foram discutidas, sugestões foram analisadas e, posteriormente, incorporadas ao instrumento.

Quanto ao processo de validade de conteúdo do QAE-23, foram realizados os procedimentos recomendados por Hernandez-Nieto (2002). A partir dos dados obtidos nas respostas dos juízes-avaliadores, foi calculado o Coeficiente de validade de conteúdo (CVC) para os dois aspectos em análise (pertinência e clareza). Realizadas as análises, obteve-se, para o aspecto pertinência, CVC_c entre 0,7 e 0,8 em 4 itens (17%) e superior a 0,8 em 19 itens (83%) da escala. Para a escala total, o CVC_t obtido foi de 0,83. No que diz respeito ao aspecto

clareza, obteve-se CVC_c entre 0,7 e 0,8 em 4 itens (17%) e superior a 0,8 em 19 itens (83%) da escala. Quanto à escala total, o CVC_t obtido foi de 0,82.

Após submeter-se os itens do instrumento à avaliação dos juízes (peritos) à *Escala de pertinência e clareza* (EPC) e após estes resultados sistematicamente apresentados, ficou assegurada a validade de conteúdo do Questionário de atitudes no esporte (QAE-23) quanto à pertinência e à clareza das questões apresentadas, tornando o instrumento válido para a utilização em pesquisa.

4.2 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS

A fim de descrevermos os resultados obtidos, apresentaremos as estatísticas de tendência central (média, mediana, média aparada a 5% e moda); de dispersão (desvio padrão e amplitude total); e de distribuição da amostra (normalidade, assimetria e achatamento). Inicialmente, apresentaremos as estatísticas de tendência central e de dispersão da amostra. Como se pode observar na Tabela 1, e no Gráfico 1, considerando os valores nominais, a ordenação das dimensões atitudinais nos atletas praticantes dos JCI foi, nesta ordem: *empenho*, *convenção*, *antidesportivismo* e *trapaça*.

Tabela 1: Estatísticas de tendência central, de dispersão e distribuição das dimensões atitudinais dos atletas dos JCI

Dimensões	Categorias	Tendência Central e Não Central					Normalidade		Assimetria	Achatamento	
		χ (DP)	Mínimo/ Máximo	M_{ed}	Trimed 5%	M_{od}	K-S	gl	Sig	Skewness/EP _s	Kurtosis/EP _k
Empenho	Geral	23,09 (2,07)	14 – 25	24	23,29	25	0,204	265	0,000	- 8,45	5,56
Antidesportivismo	Geral	18,34 (7,38)	7 - 35	18	18,15	7	0,082	265	0,000	1,72	-2,87
Trapaça	Geral	13,56 (7,90)	6 – 30	10	13,10	6	0,187	265	0,000	4,42	-3,50
Convenção	Geral	21,48 (4,57)	5 – 25	23	22,02	25	0,221	265	0,000	-10,48	6,39

A dimensão *trapaça* não apresentou mediana com valor nominal próximo à média. As dimensões *antidesportivismo*, *empenho* e *convenção* apresentaram medianas com valores nominais próximos à média. A média aparada a 5% em todas as dimensões apresentou valores

nominais muito próximos à média das dimensões. Em relação às medianas, a dimensão *trapaça*, por se afastar da média, pode sugerir que a distribuição não aderiu à normalidade. As quatro dimensões apresentaram distribuição com apenas uma moda. Entretanto, as dimensões *empenho* e *convenção* apresentaram modas que se localizaram próximas do limite superior da distribuição (25). Essas modas próximas ao limite superior da distribuição podem sugerir a existência de problemas referentes à normalidade das dimensões. Ainda, as dimensões *antidesportivismo* e *trapaça* apresentaram modas que se localizaram próximas ao limite inferior da distribuição, respectivamente 7 e 6. A seguir, serão apresentadas as estatísticas de dispersão e de distribuição da amostra.

Em relação à dispersão da amostra, houve certa variação entre o desvio padrão da dimensão *empenho*, quando comparada com as dimensões *convenção*, *antidesportivismo* e *trapaça*. Destaca-se, ainda, que na dimensão *trapaça* o desvio padrão ultrapassou a metade do valor nominal da média, indicando uma anormalidade na distribuição da amostra. Dos valores referentes às estatísticas de dispersão (ver Tabela 1), nota-se que a menor amplitude total ocorreu na dimensão *empenho*, enquanto que a maior ocorreu na dimensão *antidesportivismo*.

Foram testados os índices de normalidade da distribuição das dimensões através do cálculo Kolmogorov-Smirnov ($p > 0,05$), com correção Lilliefors. Seus resultados indicam que as distribuições de todas as dimensões (*empenho*, *antidesportivismo*, *trapaça* e *convenção*) não aderem à normalidade.

A análise da assimetria ($-1,96 < \text{Skewness}/EP_s < 1,96$) e achatamento ($-1,96 < \text{Kurtosis}/EP_k < 1,96$) das distribuições indicam que apenas a dimensão *antidesportivismo* apresentou distribuição simétrica positiva e uma curva platicúrtica. As demais dimensões apresentaram uma distribuição assimétrica. Com relação ao achatamento, as dimensões *empenho*, *trapaça* e *convenção* apresentaram, respectivamente, curvas leptocúrtica, platicúrtica e leptocúrtica.

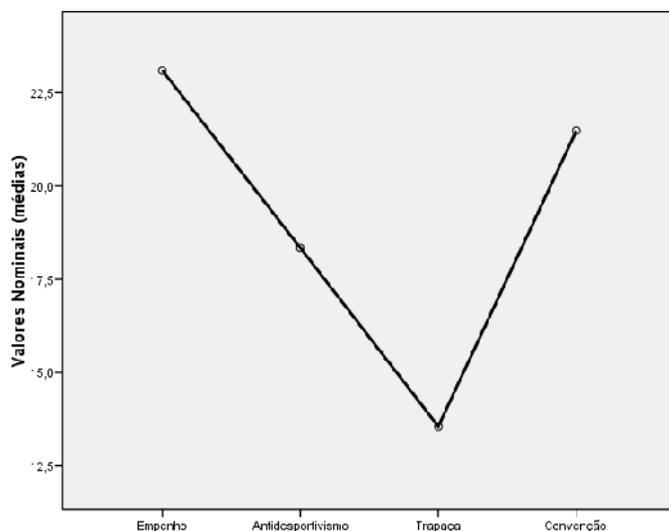


Gráfico 1: Distribuição das dimensões atitudinais

4.3 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS CONFORME VARIÁVEL DE CONTROLE “SEXO”

A fim de descrevermos os resultados obtidos, apresentaremos as estatísticas de tendência central (média, mediana, média aparada a 5% e moda), de dispersão (desvio padrão e amplitude total) e de distribuição da amostra (normalidade, assimetria e achatamento) de jovens atletas praticantes dos Jogos Coletivos de Invasão (JCI). A descrição a seguir apresentará os resultados obtidos conforme a variável controlada “sexo”.

Com relação à variável “sexo”, é possível perceber na Tabela 2 e no Gráfico 2, que os índices obtidos nas médias das dimensões atitudinais dos atletas dos JCI apresentaram uma considerável variabilidade em valores nominais. Considerando os valores nominais, a dimensão das atitudes que mais se destacou (variável controlada “sexo”) nos atletas do sexo masculino foi o *empenho*, seguido, respectivamente, pela *convenção*, pelo *antidesportivismo* e pela *trapaça*.

Com relação às medianas, percebe-se certa variação nos valores nominais e, para os atletas, nem sempre estes valores estiveram próximos às médias das dimensões, no caso da *convenção* e da *trapaça*. Cabe ressaltar, ainda, que a média aparada a 5% de todas as dimensões, nos atletas do sexo masculino esteve bem próxima à média aritmética. Percebe-se, desta forma, que os casos extremos das distribuições nas diferentes dimensões parecem não afetar de forma importante as médias. Esses dados preliminares sugerem que o fato das medianas dos atletas apresentarem valores que se afastam da média aritmética pode ser

causado por problemas de aderência à normalidade nestas dimensões. A seguir, apresentaremos de forma pormenorizada os aspectos relevantes das estatísticas referentes ao sexo masculino.

Tabela 2: Estatísticas de tendência central, dispersão e distribuição conforme a variável “Sexo”

Dimensões	Categorias	Tendência Central e Não Central					Normalidade			Assimetria	Achatamento
		χ (DP)	Mínimo/Máximo	M_{ed}	Trimed 5%	M_{bd}	K-S	gl	Sig	Skewness/EP _s	Kurtosis/EP _k
Empenho	Masculino	23,23 (2,12)	16–25	24	23,45	25	0,250	138	0,000	-6,49	3,22
	Feminino	22,95 (2,01)	14–25	23	23,12	25	0,171	127	0,000	-5,75	5,48
Antidesportivismo	Masculino	19,11 (7,96)	7–35	19	18,99	7	0,100	138	0,002	0,38	-2,65
	Feminino	17,50 (6,63)	7–35	17	17,24	9	0,090	127	0,014	2,02	-1,03
Trapaça	Masculino	16,96 (8,22)	6–30	18	16,86	6	0,123	138	0,000	-0,063	-3,64
	Feminino	9,85 (5,55)	6–30	8	9,17	6	0,244	127	0,000	7,94	5,19
Convenção	Masculino	19,89 (5,30)	5–25	21,50	20,31	25	0,168	138	0,000	-4,70	-0,05
	Feminino	23,21 (2,73)	7–25	24	23,58	25	0,257	127	0,000	-12,03	22,84

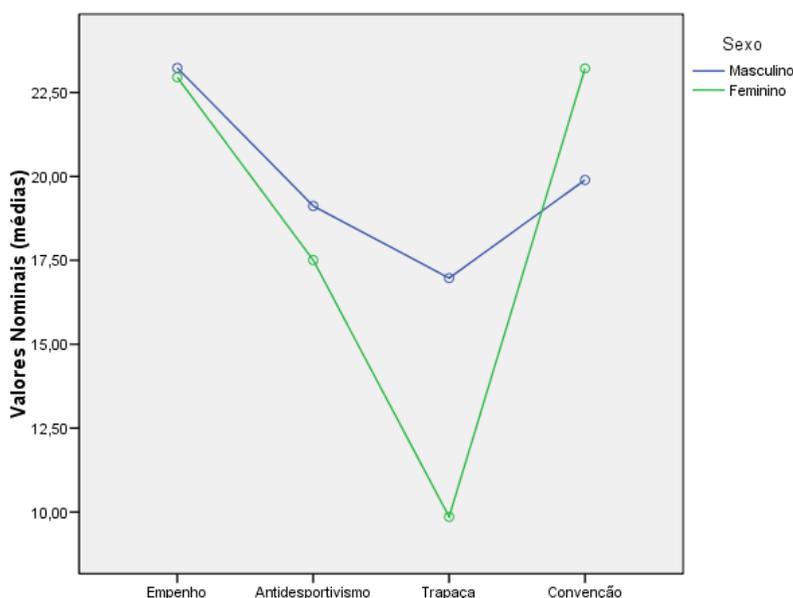


Gráfico 2: Distribuição das dimensões atitudinais em valores nominais conforme a variável “sexo”

Entre os atletas do sexo masculino, percebe-se que nenhuma das dimensões apresentou distribuições com mais de uma moda. As dimensões *empenho* e *convenção* apresentaram modas que coincidem com o valor máximo da distribuição (25); as modas das dimensões *trapaça* e *antidesportivismo* apresentaram valores da moda que coincidem com o valor mínimo da distribuição (6 e 7), respectivamente.

Sobre as estatísticas de dispersão dos atletas dos JCI do sexo masculino, percebe-se que há certa variação entre os desvios padrão das diferentes dimensões, principalmente a dimensão *empenho*, que obteve um valor de 2,12 (menor valor); destaca-se, ainda, que nas dimensões *empenho*, *convenção* e *antidesportivismo* este valor não ultrapassou a metade do valor nominal das médias, indicando que a variabilidade dos dados é satisfatória. Entretanto, o valor do desvio padrão da dimensão *trapaça* (8,22) ultrapassou a metade do valor nominal da média, indicando uma anormalidade na distribuição da amostra.

Foram testados os índices de normalidade da distribuição das dimensões para o sexo masculino através do cálculo Kolmogorov-Smirnov ($p > 0,05$), com correção Lilliefors. Seus resultados indicam que todas as dimensões (*empenho*, *antidesportivismo*, *trapaça* e *convenção*) apresentaram distribuições que não aderem à normalidade.

A análise da assimetria ($-1,96 < \text{Skewness}/EP_s < 1,96$) e do achatamento ($-1,96 < \text{Kurtosis}/EP_k < 1,96$) das distribuições, para o sexo masculino, indicam que apenas as dimensões *antidesportivismo* e *trapaça* apresentaram distribuições simétricas. Com relação ao achatamento, há apenas uma dimensão (*empenho*) com uma distribuição leptocúrtica e três dimensões (*antidesportivismo*, *trapaça*, *convenção*) com distribuição platicúrtica. A seguir, apresentam-se, de forma pormenorizada os aspectos relevantes das estatísticas referentes ao sexo feminino.

Considerando os valores nominais, a dimensão das atitudes que mais se destacou (variável controlada “sexo”) nas atletas do sexo feminino praticantes dos JCI foi a *convenção*, seguida, nesta ordem, por *empenho*, *antidesportivismo* e *trapaça*.

Entre as atletas, percebe-se que nenhuma das dimensões apresentou distribuições com mais de uma moda. As modas das dimensões *empenho* e *convenção* localizaram-se muito próximas das respectivas médias aritméticas e, ainda, apresentaram valores coincidentes ao valor máximo da distribuição (25). A dimensão *trapaça* apresentou um valor de moda coincidente ao valor mínimo da distribuição (6).

Sobre as estatísticas de dispersão das atletas praticantes dos JCI, há certa variação entre os desvios padrão das diferentes dimensões (2,01 a 6,63). Destaca-se, ainda, que nas dimensões *convenção*, *empenho* e *antidesportivismo* o valor dos desvios padrão não ultrapassou a metade do valor nominal das médias, indicando que a variabilidade dos dados é satisfatória. Entretanto, o valor do desvio padrão da dimensão *trapaça* (5,55) ultrapassou a metade do valor nominal da média, indicando anormalidade na distribuição da amostra.

Para o sexo feminino foram testados os índices de normalidade da distribuição das dimensões, através do cálculo Kolmogorov-Smirnov ($p > 0,05$), com correção Lilliefors. Os

resultados indicam que todas as dimensões apresentaram distribuições que não aderiram à normalidade. A análise da assimetria ($-1,96 < \text{Skewness}/EP_s < 1,96$) e achatamento ($-1,96 < \text{Kurtosis}/EP_k < 1,96$) das distribuições indicam que nenhuma dimensão apresentou distribuição simétrica. Com relação ao achatamento, destaca-se, que a distribuição da dimensão *antidesportivismo* apresentou uma distribuição platicúrtica. As demais (*empenho*, *trapaça* e *convenção*) apresentaram uma distribuição leptocúrtica. A seguir, são apresentados os aspectos relevantes das estatísticas de comparações de médias.

4.4 COMPARAÇÕES DAS MÉDIAS ENTRE AS DIMENSÕES ATITUDINAIS DOS ATLETAS DOS JCI

Na comparação das médias entre as dimensões atitudinais dos atletas dos JCI, bem como na comparação conforme variável controlada “sexo”, foram utilizados testes paramétricos. Apesar da não aderência à normalidade da amostra, justifica-se a utilização de tais testes com base no Teorema do Limite Central (PESTANA; GAGEIRO, 2005), que preconiza a utilização dos referidos testes em amostras com número superior a 30 sujeitos.

Com o objetivo de verificar a adequação do uso de testes paramétricos para a comparação das médias das dimensões atitudinais, primeiramente testamos a homogeneidade das variâncias através do teste de *Mauchly* e do cálculo F de Levène. O teste de *Mauchly* foi utilizado para a verificação da homogeneidade da variância intravariáveis. O teste F de Levène foi utilizado para testar a homogeneidade das variâncias entre as variáveis independentes.

A partir do teste de *Mauchly* foi possível verificar que a homogeneidade da variância do grupo total de atletas praticantes dos jogos coletivos de invasão foi rejeitada ($p < 0,01$). Sendo assim, conduziu-se um teste *t* pareado com o intuito de verificar as dimensões que melhor descrevem as atitudes dos atletas juvenis praticantes dos JCI. A Tabela 3 apresenta esses resultados.

Tabela 3: Comparações entre dimensões atitudinais dos atletas dos JCI

Dimensões Pareadas	t	gl	P
Empenho – Antidesportivismo	10,145	264	0,000
Empenho – Trapaça	18,864	264	0,000
Empenho – Convenção	5,533	264	0,000
Antidesportivismo – Trapaça	12,899	264	0,000
Antidesportivismo – Convenção	-5,166	264	0,000
Trapaça – Convenção	-11,722	264	0,000

Os resultados do teste *t* pareado demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,01$) entre todas as dimensões, conforme Tabela 3. Com isto, a dimensão das atitudes que mais se destaca em atletas juvenis praticantes dos Jogos Coletivos de Invasão é o *empenho* ($\bar{\chi} = 23,07$), seguido, nesta ordem, por *convenção* ($\bar{\chi} = 21,48$), *antidesportivismo* ($\bar{\chi} = 18,34$) e *trapaça* ($\bar{\chi} = 13,56$).

4.5 COMPARAÇÕES DAS MÉDIAS DAS DIMENSÕES ATITUDINAIS DOS ATLETAS DOS JCI, CONFORME VARIÁVEL CONTROLADA “SEXO”

Com o objetivo de verificar a adequação do uso de testes paramétricos para a comparação das médias das dimensões atitudinais, primeiramente testou-se a homogeneidade das variâncias através do teste de *Mauchly* e do cálculo F de Levène. O teste de *Mauchly* foi utilizado para a verificação da homogeneidade da variância intravariáveis. O teste F de Levène foi utilizado para testar a homogeneidade das variâncias entre as variáveis independentes.

A partir do teste de *Mauchly* foi possível verificar que a homogeneidade da variância do grupo total de atletas praticantes dos JCI foi rejeitada ($p < 0,01$). Sendo assim, conduziu-se um teste *t* pareado com o intuito de verificar as dimensões que melhor descrevem as atitudes dos atletas juvenis, do sexo masculino, praticantes dos JCI. A Tabela 4 apresenta estes resultados.

Tabela 4: Comparações entre dimensões, intrasexo (masculino)

Dimensões Pareadas	t	gl	p
Empenho – Antidesportivismo	5,847	137	0,000
Empenho – Trapaça	8,498	137	0,000
Empenho – Convenção	7,226	137	0,000
Antidesportivismo – Trapaça	4,782	137	0,000
Antidesportivismo – Convenção	-,819	137	0,414
Trapaça – Convenção	-2,955	137	0,004

Os resultados do teste *t* pareado demonstraram que na comparação das médias entre as dimensões *antidesportivismo* e *convenção* não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Entretanto, nas demais comparações, o teste indicou que há diferença significativa entre as médias, conforme Tabela 4. Portanto, a dimensão das atitudes que mais se destaca em atletas juvenis do sexo masculino praticantes dos JCI é o *empenho* ($\bar{\chi} = 23,23$), seguido por um par de dimensões indissociáveis, *convenção* ($\bar{\chi} = 19,89$) e *antidesportivismo* ($\bar{\chi} = 19,11$) e, por último, por *trapaça* ($\bar{\chi} = 16,96$).

Tabela 5: Comparações entre dimensões, intrasexo (feminino)

Dimensões Pareadas	t	gl	p
Empenho – Antidesportivismo	8,986	126	0,000
Empenho – Trapaça	24,625	126	0,000
Empenho – Convenção	-1,024	126	0,308
Antidesportivismo – Trapaça	15,681	126	0,000
Antidesportivismo – Convenção	-8,437	126	0,000
Trapaça – Convenção	-21,353	126	0,000

Os resultados do teste *t* pareado para o sexo feminino demonstraram que na comparação das médias entre as dimensões *empenho* e *convenção* não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Entretanto, nas demais comparações o teste indicou que há diferença significativa entre as médias, conforme Tabela 5. Portanto, as dimensões das atitudes que mais se destacam em atletas juvenis praticantes dos JCI do sexo feminino são a *convenção* ($\bar{\chi} = 23,21$) e o *empenho* ($\bar{\chi} = 22,95$), estatisticamente indissociáveis, seguidas, respectivamente, por *antidesportivismo* ($\bar{\chi} = 17,50$) e *trapaça* ($\bar{\chi} = 9,85$).

A fim de esgotarmos as possíveis análises comparativas, verificou-se inicialmente a homogeneidade das variâncias, a qual não foi assumida em três dimensões

(*antidesportivismo*, *trapaça* e *convenção*). Desta forma, foi conduzido um teste *t* para amostras independentes, a fim de se testar possíveis diferenças entre as dimensões nos grupos dos sexos masculino e feminino. A Tabela 6 apresenta estes resultados.

Tabela 6: Comparação inter-grupo conforme variável “sexo”

Dimensões	<i>F</i>	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.	Diferença das médias
Empenho	0,87	0,351	1,097	263	0,274	0,279
Antidesportivismo	7,00	0,009	1,797	260,527	0,074	1,613
Trapaça	58,49	0,000	8,306	241,916	0,000	7,111
Convenção	61,68	0,000	-6,476	208,626	0,000	-3,321

Nota-se que as dimensões *trapaça* (masculino: $\bar{\chi} = 16,96$; feminino: $\bar{\chi} = 9,85$) e *convenção* (masculino: $\bar{\chi} = 19,89$; feminino: $\bar{\chi} = 23,21$) apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Neste sentido, percebe-se que a dimensão *trapaça* está mais evidente no sexo masculino e a dimensão *convenção* está mais evidente no sexo feminino, conforme verificação do valor das médias nos dois grupos.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 DIMENSÕES ATITUDINAIS MAIS FREQUENTES ENTRE OS ATLETAS DOS JCI

Conforme mencionado anteriormente nas comparações das médias, a ordenação das dimensões atitudinais nos atletas praticantes dos JCI (13 a 16 anos) apresentou-se, de forma geral, evidenciando o *empenho* em primeiro lugar, seguido, respectivamente, por *convenção*, *antidesportivismo* e *trapaça*. O fato das dimensões *empenho* e *convenção* (ambas representando atitudes pró-sociais) aparecerem em primeiro e segundo lugares surpreende de certa forma, pois a expectativa era de que as atitudes antissociais pudessem se apresentar à frente na ordenação das dimensões atitudinais. A surpresa relativa aos resultados pode ser atribuída, de acordo com alguns autores (GONÇALVES, 1989; DODGE; ROBERTSON, 2004; RUBIO, 2007), ao fato de o esporte de competição (com o objetivo principal da vitória) apresentar condutas negativas (*antidesportivismo* e *trapaça*), por vezes mais evidentes do que atitudes pró-sociais em atletas juvenis.

Entretanto, os resultados corroboram o argumento de alguns autores de que o esporte constrói o caráter do indivíduo (SANMARTÍN, 1995; GONÇALVES et al., 2006; BREDEMEIER; SHIELDS, 2006; LEE; WHITEHEAD; NTOUMANIS, 2007; LEE et al., 2008; EVANGELISTA et al., 2010a). A palavra “caráter”, mesmo que às vezes surja como sinônimo de “personalidade” tem conotações éticas ou morais (BREDEMEIER; SHIELDS, 2006). Uma pessoa de caráter é uma pessoa que age de forma ética. O caráter refere-se a aspectos que guiam a vida moral e permitem que a pessoa viva em fidelidade com seus valores morais, julgamentos e intuições.

Na metade da década de 1980, começou a se constatar na Europa um interesse crescente sobre os aspectos da moralidade na prática esportiva, mais especificamente em assuntos sobre valores e atitudes de jovens e atletas profissionais (GONÇALVES, 1999). Mais recentemente, os estudos apresentados têm recebido especial atenção quanto às orientações e intervenções pedagógicas que os atletas juvenis recebem no esporte de competição. De acordo com Rufino et al. (2005), deve-se tratar a competição (a busca da vitória) pedagogicamente.

Kavussanu e Ntoumanis (2003) apresentaram resultados de uma pesquisa com o intuito de verificar se a participação de jovens atletas de Jogos Coletivos de Invasão influenciaria o julgamento moral dos mesmos no âmbito esportivo e se estes efeitos seriam

mediados pela orientação ao ego ou pela orientação à tarefa. Os participantes responderam questionários sobre participação esportiva (total de participações do atleta em temporadas, na respectiva modalidade), orientação para o ego (“*Eu supero meus adversários*”), orientação para a tarefa (“*Eu mostro aperfeiçoamento pessoal evidente*”), julgamento moral (dilemas referentes a comportamentos antidesportivos, como enganar os árbitros, violar as regras e machucar deliberadamente o adversário) e deseabilidade social (atributos desejáveis, como, por exemplo, “*Estou sempre disposto a admitir quando cometo um erro*”). Desta forma, os resultados descritos pelos autores indicaram relações da orientação para o ego com baixos níveis de julgamento moral. Os efeitos da participação esportiva no julgamento moral apontou resultados não significativos na orientação para o ego. A orientação para a tarefa apresentou altos níveis de julgamento moral.

Em outro estudo, Sage (2006) examina efeitos e interações da orientação para a tarefa, para o ego e para a identidade moral, bem como estabelece relações entre orientações com metas sociais, juntamente com as orientações para o ego e para a tarefa e de que forma estes se mostram como preditores de comportamentos pró-sociais e antissociais no âmbito esportivo. Os comportamentos pró e antissociais foram definidos neste estudo, de acordo com declarações de atletas, árbitros e especialistas em futebol de campo, envolvidos no futebol competitivo por mais de 15 anos. Os comportamentos pró-sociais foram descritos como as ações que têm a intenção de ajudar ou beneficiar os outros, enquanto os comportamentos antissociais foram identificados como ações que visam causar danos ou desvantagem para os outros.

O autor apresenta algumas explicações para a relação entre os comportamentos chamados pró-sociais e a orientação para a tarefa, evidenciados nos resultados do estudo. Ações pró-sociais relacionadas com os oponentes (por exemplo, devolver a bola ou ajudar o adversário a se levantar), ou com os companheiros de equipe (estimulando o companheiro após uma má jogada, durante a partida), podem contribuir para a continuidade do jogo e para que se mantenha a concentração na tarefa. Além disso, os comportamentos pró-sociais com colegas de equipe e com os adversários podem proporcionar um ambiente favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento do grupo, levando ao cumprimento dos objetivos propostos pela orientação de metas e tarefas. A orientação para a tarefa apresentou, ainda, correlações negativas com comportamentos antissociais.

O efeito negativo da orientação para a tarefa para comportamentos antissociais talvez possa ser explicado pela atenção do atleta estar focada no cumprimento de metas e não no adversário (SAGE, 2006). Focando em ações de falta, danos físicos ao oponente, provocando

ou obstruindo o mesmo, poderia se ter efeitos contrários durante o jogo. É mais interessante concentrar-se nas habilidades do jogo, como passar, deslocar-se, posicionar-se etc. Embora a orientação para a tarefa por vezes prediga comportamentos antissociais, seus efeitos foram sempre mais fracos quando comparados aos efeitos da orientação para o ego, neste estudo.

A prática esportiva oferece aos jovens atletas interações sociais importantes, em um meio com características próprias. Estas interações sociais no âmbito esportivo têm como objetivo desenvolver e manter relações satisfatórias entre treinadores, árbitros, colegas de equipe e adversários e com o respeito às regras (SAGE, 2006). A ideia de que o esporte constrói o caráter tornou-se popular, de modo que os programas esportivos oferecidos pelas escolas e clubes têm sido frequentemente justificados pelo valor educativo oferecido aos atletas e por desenvolverem traços de caráter positivos (BREDEMEIER; SHIELDS, 2006). Outro ponto a ser destacado refere-se à liderança e ao comportamento dos treinadores, como elementos que podem contribuir positivamente na formação do caráter, através das vivências esportivas. O treinador exerce influência nas atitudes que serão incorporadas à vida e ao dia a dia dos jovens atletas (SOBRINHO; MELLO; PERUGGIA, 1997).

O papel do treinador pode ser decisivo para o desenvolvimento dos atletas. As atitudes dos jovens atletas estão diretamente relacionadas com o tipo de treino e de competição de que participam. É importante que os treinadores exercitem as virtudes do esporte para o *empenho* (aplicação, dedicação, esforço) nas práticas esportivas; deve haver respeito aos adversários, aos companheiros, às regras e aos árbitros (*convenção*) (CLIFFORD; FEEZEL, 2001). Desta forma, a orientação pedagógica poderia contribuir para encorajar os atletas a refletirem por si próprios a realizarem julgamentos sobre suas atitudes esportivas durante o jogo, evitando as condutas antissociais, mesmo que a vitória fosse o objetivo principal. O fato de as dimensões *empenho* e *convenção* (atitudes pró-sociais) estarem mais evidentes do que as atitudes antissociais (*trapaça* e *antidesportivismo*) pode ser um indício de que as intervenções pedagógicas dos treinadores estejam mais voltadas para orientações com características de orientação para a tarefa e metas do que para o resultado em si (vitória).

Outro aspecto que pode ter contribuído para o resultado de destaque das atitudes pró-sociais na amostra geral é a desejabilidade social. Em estudos sobre o *fair play* com atletas juvenis, Sampol et al. (2007) afirmam que, apesar da influência positiva que as intervenções e interações esportivas podem apresentar sobre os comportamentos dos atletas, deve-se levar em consideração a tendência dos jovens de dar respostas socialmente desejáveis.

Apesar da contribuição e do impacto positivo na formação do caráter de jovens atletas através do esporte, é importante destacar que as atitudes de *trapaça* e *antidesportivismo*

também foram evidenciadas nos resultados deste estudo. Existe uma corrente contrária ao esporte de resultados, apontando evidências de que o esporte de competição gera situações de trapaça, agressão e comportamentos desrespeitosos (GONÇALVES, 1989; GONÇALVES et al., 2006; BREDEMEIER; SHIELDS, 2006; LONG et al., 2006; EVANGELISTA et al., 2010b). A vitória a qualquer custo, aspectos relacionados ao desenvolvimento psicossocial, o papel do treinador e os benefícios gerados pelas conquistas esportivas podem ser alguns dos motivos que levam os atletas a adotarem tais condutas.

O período da adolescência é marcado por transformações e mudanças em diferentes domínios no jovem. Um destes domínios é o psicossocial. Estas mudanças são percebidas nas estabilidades emocionais, na personalidade e nos relacionamentos sociais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). A busca da identidade é marcante nesta fase de desenvolvimento e o jovem busca uma definição do seu papel dentro do círculo social ao qual está inserido (BRÊTAS, 2008).

Nos JCI a convivência em grupo é uma constante. Porém, certas atitudes podem estar relacionadas a questões ligadas ao individualismo. Mesmo que o aspecto coletivo seja um dos elementos presentes na busca de objetivos, entre eles vencer a disputa, determinadas situações podem levar os jovens a adotarem comportamentos voltados para o aspecto individual. Uma vez que o atleta passa a agir em benefício próprio, as ações na busca pelo sucesso e a tentativa de se obter superioridade sobre os adversários ou colegas de equipe, podem gerar atitudes consideradas antissociais. A conquista deste objetivo só é possível através da vitória (KAVUSSANU; NTOUMANIS, 2003; SAGE, 2006). Neste caso, quando o individualismo se sobrepõe ao coletivo, no caso dos JCI, pode haver uma tendência das dimensões atitudinais antissociais (*trapaça* e *antidesportivismo*) sobressaírem-se em relação às dimensões atitudinais pró-sociais (LEE, et al., 2008).

Shields et al. (2005) apresentam resultados de uma pesquisa sobre comportamentos esportivos bons e fracos, nas percepções de jovens atletas e de seus treinadores. Ambos os grupos deram uma visão geral de comportamentos e atitudes. Quanto ao comportamento dos jovens: 21% admitiram trapacear com frequência; 13% garantiram ter tentado prejudicar o adversário fisicamente; 31% admitiram haver discutido com o árbitro; 13% afirmaram que zombaram da falta de habilidade do colega de equipe; e 27% admitiram ter atuado de forma a não contribuir para boa imagem do esporte. Quanto ao comportamento dos treinadores, os resultados apontaram que quase um terço deles cria um clima psicológico desfavorável para os atletas quando estes cometem erros, utilizando gritos. Os jovens (4%) admitiram que foram agredidos física e verbalmente por seus treinadores. A frequência de atitudes e

comportamentos, de acordo com a análise dos dados deste estudo, sugere que existem significativos problemas de natureza ética ocorrendo em muitos programas de desenvolvimento do esporte juvenil.

Em outro estudo, Lee et al. (2008) apresentaram resultados com o propósito de examinar as motivações psicológicas fundamentais que resultam em os jovens mostrarem atitudes desejáveis ou não desejáveis no esporte. O trabalho teve como objetivo observar o papel das orientações da realização para a tarefa e para o ego, refletindo a expressão dos valores nas atitudes. Descobriu-se que as atitudes antissociais apontaram positivamente para os valores de status e negativamente para os valores morais. A orientação para o ego apontou os efeitos dos valores de status para atitudes antissociais. As atitudes antissociais de *trapaça* e *antidesportivismo* expressam valores de status inversos aos valores morais.

Em estudos mais recentes, novos instrumentos têm sido desenvolvidos e elaborados, com o objetivo de mensurar o conteúdo do juízo moral no esporte. Proios (2010) apresenta trabalho baseado na teoria cognitiva desenvolvimentista, apoiando claramente a necessidade de conhecer o conteúdo dos juízos morais e as atitudes de jovens atletas no esporte. O autor baseia sua proposta para elaboração de um novo instrumento, Moral content judgment sport questionnaire (MCJSQ), entendendo que o conteúdo moral pode explicar escolhas e decisões (atitudes), no caso de haver dilemas. O objetivo principal do estudo foi desenvolver e validar um instrumento para avaliar o conteúdo do julgamento moral no esporte de jovens e realizar três tipos de validade: de conteúdo, de construto e de orientação para o critério. O autor destaca cinco elementos, referentes ao conteúdo dos juízos morais presentes no questionário. O primeiro refere-se à *ordem normativa*; o foco é a obediência ao sistema, às regras e ao dever (respeito aos árbitros), e a uma justiça distributiva de oportunidades. O segundo elemento é a *equidade*, evidenciando um pensamento baseado na justiça, apoiando e promovendo o *fair play* e o respeito mútuo, tratando os outros como queremos ser tratados por eles, mantendo igualdade (equidade processual). O terceiro elemento é o *utilitarismo egoísta*, que considera as consequências para si mesmo (o sucesso por qualquer meio e a reputação de bom ou mau). O quarto elemento é o *utilitarismo social*, que considera as consequências das decisões para a equipe. O quinto elemento é a *harmonia*, que reflete um pensamento no autorrespeito e na dignidade humana.

O questionário tem perspectivas relacionadas às orientações para a tarefa e para o ego. A hipótese do autor é de que as dimensões da *ordem normativa*, *equidade*, *utilitarismo social* e *harmonia* devem apresentar uma relação positiva com a orientação para a tarefa. A dimensão associada ao *utilitarismo egoísta* deve apresentar uma relação positiva para

orientação para o ego e negativa com a orientação para tarefa. A amostra foi composta por 293 atletas de ambos os sexos (n = 188 atletas do sexo masculino; n = 105 atletas do sexo feminino), sendo que 201 pertenciam ao esporte de competição, com média de idade aproximada de 19 anos. O futebol de campo, o basquetebol e o handebol foram alguns dos esportes pesquisados. Os atletas responderam a três questionários: um sobre o conteúdo do julgamento moral – Moral content judgment in sport questionnaire (MCJSQ) –, outro sobre orientação para a tarefa e orientação para o ego e um sobre as atitudes relativas ao espírito esportivo.

O instrumento proposto para avaliar o conteúdo do julgamento moral (MCJSQ) começa com a declaração: “Eu acredito que as ações no meu esporte são caracterizadas por...”, seguidas por 25 itens relacionados às cinco dimensões morais, relativas à *ordem normativa* (“*Me preocupo com meu adversário quando ele está em perigo*”); ao *utilitarismo egoísta* (“*Eu gostaria de receber uma recompensa*”); ao *utilitarismo social* (“*Gostaria que minha equipe tivesse resultados positivos*”); à *harmonia* (“*É importante ter coragem e controle emocional*”); e à *equidade* (“*É importante respeitar o adversário*”). As respostas foram dadas em uma escala de tipo Likert, indo de 1 (“*Discordo firmemente da declaração*”) até 9 (“*Concordo firmemente com a declaração*”). Após a validação de conteúdo, de construto e de orientação para o critério, o MCJSQ foi submetido a correlações com os instrumentos sobre orientação para a tarefa e para o ego, bem como sobre as atitudes relacionadas ao espírito esportivo.

Os resultados da análise indicaram que a orientação para a tarefa foi um preditor positivo para quatro dimensões do conteúdo moral - *ordem normativa*, *equidade*, *utilitarismo social* e *harmonia* – e um preditor negativo para a dimensão *utilitarismo egoísta*. A orientação para o ego evidenciou-se como um preditor positivo apenas na dimensão *utilitarismo egoísta*; a mesma orientação para o ego foi um preditor negativo para as dimensões *ordem normativa*, *equidade* e *utilitarismo social*.

Os resultados das análises de regressão indicaram uma relação positiva significativa entre as dimensões *ordem normativa*, *equidade*, *utilitarismo social* e *harmonia* e a orientação para a tarefa, além de relação da dimensão *utilitarismo egoísta* com a orientação para o ego. Houve, ainda, uma relação negativa significativa entre as dimensões *ordem normativa*, *equidade* e *utilitarismo social* e a orientação para o ego. Este estudo, conforme Proios (2010) fornece evidências sobre as propriedades psicométricas do MCJSQ, oferecendo uma nova forma de mensurar as motivações e os conteúdos dos juízos morais dos atletas, relativos às atitudes no esporte juvenil.

Em outro estudo sobre a orientação para a tarefa e a orientação para o ego, Gonçalves et al. (2010a) propõem, como objetivo principal de investigação, avaliar a hipótese de que a orientação para a tarefa pode ser um preditor para o desenvolvimento das atitudes pró-sociais no esporte e, simultaneamente, avaliar se a orientação para o ego pode ser um preditor para o desenvolvimento das atitudes antissociais no esporte juvenil no âmbito esportivo de Portugal.

Uma amostra de 482 atletas ($n = 167$ atletas do sexo masculino; $n = 95$ atletas do sexo feminino), na faixa etária de 13 a 16 anos, de várias modalidades esportivas, incluindo handebol, basquetebol e futebol de campo, participantes de competições regionais e nacionais, responderam às versões portuguesas dos Questionários sobre orientação para a tarefa e para o ego (Task and ego orientation in sport questionnaire – TEOSQp) e do Questionário de atitudes no esporte (Sport attitude questionnaire – SAQp). Foram utilizadas correlações bivariadas para examinar as relações entre os dois questionários.

Uma matriz de correlação entre as variáveis de orientação para a tarefa e orientação para o ego com as dimensões *trapaça*, *antidesportivismo*, *empenho* e *convenção* apresentou correlações positivas entre a orientação para a tarefa e as dimensões *convenção* ($r = 0.29$, $p < 0.01$) e *empenho* ($r = 0.40$, $p < 0.01$). A orientação para o ego apresentou correlações positivas com a dimensão *trapaça* ($r = 0.30$, $p < 0.01$) e com a dimensão *antidesportivismo* ($r = 0.33$, $p < 0.01$), além de correlação negativa com a dimensão *convenção* ($r = -0.16$, $p < 0.01$).

A hipótese analisada no estudo se confirma, de acordo com os resultados apresentados. A orientação para a tarefa e orientação para o ego produziram efeitos significativos nas atitudes pró-sociais e antissociais, respectivamente. A orientação para a tarefa em programas esportivos para os jovens, de acordo com os autores, pode representar uma alternativa de enquadramento pedagógico adequado na promoção de atitudes pró-sociais e, conseqüentemente, incrementar a eficácia das intervenções educativas.

A apresentação e a discussão dos resultados remetem a uma reflexão sobre a possibilidade da vitória no esporte de competição poder ser conquistada de forma honrosa. Dito de outra forma é possível que as atitudes praticadas pelos atletas na busca pela vitória sejam pautadas em condutas como o *fair play* e o espírito esportivo? A pressão para a vitória vinda dos treinadores, normas coletivas estabelecidas pela própria equipe (GONÇALVES, 1989; DODGE; ROBERTSON, 2004; LONG et al., 2006), além de questões individuais de cada atleta, como, por exemplo, o status alcançado e os benefícios financeiros gerados pelas vitórias esportivas, podem ser alguns dos fatores para condutas antiéticas dos atletas.

Muitas vezes, os treinadores também têm a vitória como principal objetivo na disputa esportiva. Esta busca pelo resultado pode provocar um conflito entre o objetivo da

socialização positiva (comportamentos pró-sociais) e o sucesso (valor de status). A sensação de sucesso pessoal obtido pelo treinador, através das vitórias de suas equipes, pode refletir condutas negativas nos atletas (GONÇALVES, 1989). Na busca da vitória, os treinadores passam a orientar e a exigir de seus atletas condutas nem sempre condizentes com as regras e com o espírito esportivo. Uma vez que esse tipo de orientação é utilizada, o atleta pode sentir-se estimulado à assumir tais condutas e, com a conivência do treinador, passar a interpretar esse tipo de situação como normal e a incorporá-las nas situações esportivas. Entre algumas destas condutas (*antidesportivismo* e *trapaça*), podem ser citadas atitudes de agressão, intimidação verbal e física sobre o adversário, além de tentativas de violar as regras do jogo ludibriando o árbitro.

Outra questão que pode influenciar no comportamento dos jovens são os benefícios gerados pelas vitórias. Muitas vezes, os jovens se espelham em ídolos consagrados. A mídia, em especial a televisão, atua como transmissora de comportamentos e valores da cultura esportiva (LIPPI; DE SOUZA; NEIRA, 2008). A forma como estes ídolos são tratados e apresentados para os jovens podem causar forte impacto na percepção do que significa o sucesso e interferir negativamente no comportamento. Conforme autores citados anteriormente (KAVUSSANU; NTOUMANIS, 2003; LEE et al., 2008), a orientação para o ego representa um tipo de percepção de contraste (em relação à orientação para a tarefa) sobre capacidades e definições de sucesso. Alcançar metas, ter superioridade sobre seus pares e alcançar o sucesso só são possíveis através da vitória (SAGE, 2006). Sendo assim, a mídia pode exercer influência sobre os atletas em formação, pois eles podem passar a vislumbrar uma perspectiva de sucesso (fama) e de compensações financeiras, que nem sempre são obtidas de forma correta. Vitórias conquistadas, por vezes, de forma desonesta no esporte são diariamente repetidas e mostradas à exaustão na televisão; e, muitas vezes, são enaltecidas a malandragem, a trapaça e outros elementos negativos utilizados para tais conquistas (LIPPI; DE SOUZA; NEIRA, 2008). Talvez, esse possa ser mais um dos motivos para que se explique o porquê das condutas antiéticas dos jovens nos esportes de competição.

Portanto, observa-se que a questão das atitudes no esporte competitivo é ampla e aborda aspectos opostos e contrastantes, como atitudes pró-sociais e antissociais. O objetivo básico do atleta de competição é bater o oponente e vencer a competição.

As regras esportivas (o que é e o que não é permitido) podem ser interpretadas como o oferecimento de escolhas, entre a obediência estrita às regras ou a sua quebra, inaceitável, mas ainda assim *possível*, ao preço de certas sanções. As próprias regras, ao estipularem diferentes sanções para

diferentes violações, oferecem a necessária referência para uma tomada de decisão. (TAVARES, 1999, p. 188.)

Por isso, cabe aos responsáveis pelo esporte de competição (dirigentes, treinadores e pais) buscar uma melhor compreensão dos comportamentos esportivos, na tentativa de minimizar as condutas consideradas antissociais no esporte competitivo e, na medida do possível, orientar e permitir que a busca da vitória possa ser pautada por condutas de empenho, esforço e valorização do espírito esportivo.

5.2 DIMENSÕES ATITUDINAIS MAIS FREQUENTES ENTRE OS ATLETAS DOS JCI, CONFORME VARIÁVEL CONTROLADA “SEXO”

Na variável “sexo”, a dimensão *empenho* se destacou no sexo masculino, seguida, respectivamente, por *convenção*, *antidesportivismo* e *trapaça*. No sexo feminino, destacaram-se as dimensões *convenção*, seguida, nesta ordem, por *empenho*, *antidesportivismo* e *trapaça*. Ao testarmos as possíveis diferenças entre as médias dos grupos, foi possível verificar que a dimensão *trapaça* está mais evidente nos atletas do sexo masculino – quando comparados ao sexo feminino – e que a dimensão *convenção* aparece mais significativamente nas atletas do sexo feminino – quando comparadas ao sexo masculino.

Em princípio, a organização e a ordenação das atividades esportivas são alguns dos fatores determinantes para o efeito pedagógico positivo da participação de crianças e jovens (GONÇALVES et al., 2006). O fato de a dimensão *empenho* aparecer em primeiro lugar nos atletas do sexo masculino confirma, em parte, os estudos de alguns autores (MARTINS; BRANCO, 2001; TSAI; FUNG, 2005), de que os meninos tendem a adotar comportamentos mais voltados para o interesse próprio e a possíveis benefícios decorrentes das vitórias nas modalidades esportivas.

Os atletas encontram dilemas morais no decurso das práticas e das competições, nas quais as decisões e as condutas assumidas testam as crenças éticas e refletem comportamentos. A pressão para a vitória, muitas vezes vem dos treinadores. Muitos deles têm um grande poder sobre seus atletas (DODGE; ROBERTSON, 2004) e, se é percebido que o treinador incentiva ou promove comportamentos antiéticos na busca da vitória a qualquer custo, ele acaba por influenciar as condutas dos atletas. A crença de que “se os outros estão fazendo a mesma coisa (trapaceando) eu também posso”, segundo os mesmos autores, é uma

das justificativas para explicar esse tipo de comportamento. Se existe a chance de não ser pego trapaceando, certos atletas tendem a trapacear.

No caso de associarmos a dimensão *empenho* (socialmente positiva) e *trapaça* (socialmente negativa) nos meninos, é possível fazer a observação de que estas dimensões atitudinais podem refletir um conflito das condutas no sexo masculino, uma vez que, para alcançar os objetivos, é necessária aplicação, dedicação, esforço, “dar o melhor de si” (*empenho*), porém com a quebra de determinados valores ou regras (*trapaça*). Evangelista et al. (2010b) descrevem e exploram as atitudes de jovens atletas praticantes dos jogos coletivos de invasão (futebol de campo) do sexo masculino. Os resultados apontam destaque para atitudes antissociais, como *antidesportivismo* e *trapaça*, associadas à dimensão *empenho*, aproximando-se de certa forma dos resultados apresentados no presente trabalho, quanto à variável “sexo” (masculino). Em outro estudo, Long et al. (2006) apresentam resultados sobre o respeito às regras e a transgressão das mesmas, com atletas do sexo masculino, também praticantes dos JCI. O principal motivo, evidenciado pelos atletas, para a transgressão das regras é o desejo de vencer. Tentativas de enganar o árbitro, trapaça e violações voluntárias da regra, intimidação verbal e violência física foram algumas das situações negativas destacadas pelos autores.

Boardley e Kavussanu (2010) examinam os efeitos das orientações para a tarefa e para o ego, além do valor percebido de resistência para comportamentos antissociais para com os adversários e companheiros de equipe no futebol, e se os efeitos seriam mediados pelo desengajamento moral. A amostra foi composta por 307 jogadores de futebol de campo, que responderam a questionários com as variáveis citadas. Os resultados sobre a orientação para o ego indicaram relações positivas diretas nos comportamentos antissociais para com os adversários e relações negativas da orientação para a tarefa nos comportamentos antissociais relacionados aos adversários. Além disso, a orientação para o ego e a percepção de valor de resistência para comportamentos antissociais tiveram efeitos indiretos positivos para o comportamento antissocial em relação aos adversários e companheiros de equipe, que foram mediados pelo desengajamento moral. Sendo assim, os autores entendem que os efeitos das influências pessoais sobre os comportamentos antissociais podem ser facilitadores das condutas negativas de atletas masculinos no esporte juvenil.

A experiência e a influência dos treinadores também têm sido abordadas em estudos, com foco sobre elementos relativos à comunicação em competição, às orientações para a realização das tarefas, às atitudes face à prática desportiva, além das percepções dos atletas sobre o comportamento do treinador. Gonçalves et al. (2010b), em estudo sobre o tema,

analisam seis treinadores (três experientes e três inexperientes) da modalidade esportiva basquetebol. Foram gravados em áudio e vídeo 18 jogos dos seis treinadores em questão, que foram posteriormente analisados. Dentre algumas características para a diferenciação destas duas subcategorias, destacam-se o número de anos de carreira como treinadores das equipes (inexperientes – 2 anos; experientes – 15, 23 e 24 anos). Os atletas das equipes observadas (n = 58, do sexo masculino, com faixa etária aproximada de 16 anos) responderam às versões portuguesas dos questionários sobre orientação para a tarefa e para o ego, as atitudes no esporte e as percepções do comportamento do treinador.

O estudo aponta que o efeito da experiência do treinador sobre as atitudes é significativo no que diz respeito à *trapaça*, ao *antidesportivismo* e à *convenção*. Os resultados sugerem que os atletas de treinadores experientes estão mais predispostos a respeitar as regras do jogo e a manter um nível ligeiramente superior de *empenho*, mas também mais abertos a fazer algo a mais para chegar à vitória. Os estudos descritos, além do presente trabalho, apontam as atitudes antissociais, principalmente a *trapaça*, como sendo algumas das dimensões mais evidentes, corroborando a ideia de que os meninos tendem a adotar comportamentos voltados para o interesse próprio, reforçando a característica competitiva do sexo masculino.

Passando para os resultados obtidos pelas atletas do sexo feminino, observa-se que a dimensão atitudinal *convenção*, considerada pró-social, se apresenta mais evidente nas meninas, o que pode apontar o aspecto da socialização no esporte para o sexo feminino. Uma vez que as dimensões das atitudes consideradas pró-sociais estão ligadas ao respeito e ao cuidado com o próximo, algumas explicações para estes resultados do sexo feminino poderiam ser baseadas na Teoria de Gilligan (1982, apud¹² PAPALIA et al., 2009), que causou abalo na Psicologia Moral, quando apresentou suas teses centrais: 1ª) haveria diferenças de gênero nas formas de se conceber a vida moral; 2ª) haveria não apenas a ética da justiça, mas também a ética do cuidado, mais desenvolvida pelas mulheres. Quando a autora afirma que tal ética corresponde a “uma voz que fala de conexão, de não ferir, de cuidar, de corresponder”, verifica-se que ela pensa em ações que levam em conta as necessidades alheias.

Seguindo esta teoria, tem-se uma evidência de que as meninas estariam mais centradas na socialização como uma das prioridades para o envolvimento com o esporte. Isto pode ser observado, uma vez que a dimensão *convenção* (que se destaca em primeiro lugar) está

¹² GILLIGAN, C. (1982).

relacionada ao respeito e ao cuidado com o próximo, ficando o *antidesportivismo* e a *trapaça* (relacionadas com a quebra de espírito ou regras do jogo) como as dimensões menos evidenciadas nas meninas. Resultados apresentados em pesquisa (DODGE; ROBERTSON, 2004) descrevem menor tolerância quanto às atitudes antiéticas no esporte para as atletas do sexo feminino quando comparadas aos atletas do sexo masculino.

Tsay e Fung (2005) também abordam as atitudes em estudo para identificar a orientação para o espírito esportivo de meninos e meninas de basquetebol e voleibol colegial, num total de 148 meninos e 154 meninas, com idades de 12 a 18 anos, com participações em competições escolares. Características comportamentais das dimensões deveriam incluir atos que reconhecessem a boa *performance* do adversário e ser um “bom perdedor” (convenção social), mostrar respeito e interesse pelas regras e pelos árbitros, mesmo quando estes demonstrassem incompetência (regras e árbitros) e mostrar respeito verdadeiro pelo adversário, recusando vencer fora das regras, mesmo o oponente utilizando-se de tal artifício (adversário). Descobriu-se que as atletas mais jovens possuíam níveis mais elevados em consideração ao espírito esportivo.

Kavussanu e Boardley (2009) apresentam trabalho que teve como proposta desenvolver um instrumento para avaliar comportamentos pró-sociais e antissociais no esporte – Prosocial and antisocial behavior in sport scale (PABSS). A ideia dos autores foi elaborar um instrumento válido e confiável para medir a ampla gama de comportamentos pró-sociais e antissociais nos esportes coletivos. O desenvolvimento de tal instrumento tinha por objetivo permitir a investigação sobre os comportamentos sociais em modalidades esportivas, podendo produzir resultados mais generalizáveis. O instrumento possibilitaria aos investigadores o exame das condutas sociais e morais no esporte, relativas aos companheiros de equipe e adversários. Os comportamentos pró e antissociais são atos moralmente relevantes (KAVUSSANU; BOARDLEY, 2009).

Foram realizados dois estudos. No primeiro, atletas de modalidades esportivas (n = 1213 atletas, de ambos os sexos, de 103 equipes de diferentes modalidades esportivas), com faixas etárias heterogêneas, a partir dos 12 anos de idade, e que tivessem participado de equipes de competição, foram recrutados para responder ao questionário sobre comportamentos pró e antissociais no esporte (PABSS). Foram convidados a participar da pesquisa atletas de diferentes modalidades, entre elas o futebol de campo, o rúgbi, o basquetebol e o handebol, por serem considerados esportes de contato (BAYER, 1994). A possibilidade de haver contato físico com o adversário durante o jogo possibilita de forma

potencial que se levantem questões morais a respeito da disputa. Os esportes coletivos também oportunizam a interação social entre os atletas, podendo desenvolver-se atitudes positivas ou negativas (KAVUSSANU; BOARDLEY, 2009). Análises fatoriais confirmatórias e exploratórias revelaram duas dimensões representando comportamentos pró-sociais e duas dimensões representando comportamentos antissociais, em uma escala final de 20 itens do PABSS.

No segundo estudo, a amostra foi composta por 106 atletas (n = 48 atletas do sexo masculino, n = 58 atletas do sexo feminino) com idade média de 19 anos, atletas de competição de jogos coletivos, que responderam ao PABSS e também a outro questionário sobre orientação para o ego e para a tarefa. Os resultados evidenciaram as condutas antissociais com médias mais baixas para as atletas do sexo feminino com relação às adversárias e companheiras de equipe.

Desta forma, após a discussão dos resultados, percebem-se aspectos pertinentes às teorias apresentadas, quando comparadas as dimensões entre os sexos. A ênfase da Teoria do Julgamento Moral (KOHLBERG, 1964; KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 1997; KOHLBERG; COLBY, 1987, apud BIAGGIO, 1997; FREITAG, 1989; MARTINS; BRANCO, 2001) que evidencia as condutas morais dos homens baseadas na imparcialidade e na justiça, corrobora os resultados da pesquisa, uma vez que a dimensão atitudinal mais evidente no sexo masculino, quando comparada com o sexo feminino, foi a *trapaça*. A Teoria de Gilligan (1982,¹³ apud BIAGGIO, 1999; PAPALIA et al., 2009; MARTINS; BRANCO, 2001; LA TAILLE, 2006), que introduz a moralidade da responsabilidade e do cuidado como características femininas, parece também corroborar os resultados desta pesquisa, uma vez que a dimensão atitudinal mais evidente no sexo feminino, quando comparada com o sexo masculino, foi a *convenção*.

Portanto, a partir destas informações, técnicos, professores e treinadores podem melhorar o planejamento de suas aulas, treinos e competições, a fim de que os atletas juvenis dos Jogos Coletivos de Invasão possam, através do esporte, melhor desenvolver seus comportamentos relativos às atitudes morais no esporte competitivo. Autores como Clifford e Feezel (2001) entendem que compreender, ensinar e demonstrar as virtudes das boas práticas, refletir sobre a natureza da competição e sobre o enquadramento educacional das práticas esportivas significa assumir a responsabilidade de ensinar e melhorar os comportamentos

¹³ GILLIGAN, C. (1982).

morais dos jovens. Ensinar os atletas a serem leais e corretos na prática do desporto envolve sempre uma combinação entre orientação, exemplos e oportunidades para praticar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultados de diferentes estudos têm trazido à discussão até que ponto o esporte pode influenciar na formação da personalidade e no comportamento dos atletas, em aspectos como caráter, valores e atitudes. O presente trabalho propôs uma investigação sobre como se apresentam as atitudes morais de atletas juvenis dos JCI no esporte de competição. A proposta do estudo foi abordar questões relacionadas à influência social que o esporte pode exercer na formação do caráter do jovem, na transmissão de valores e no desenvolvimento das atitudes morais.

O esporte pode ser um meio de ensinar atitudes socialmente positivas, uma vez que o aprendizado vem de uma atividade na qual dilemas morais ocorrem a todo instante. A forma como agimos perante um dilema moral é influenciada por nossas crenças e nossos valores. Estes são passados e ensinados por pessoas que influenciam nossas vidas (amigos, pais, professores e treinadores). Neste contexto, o treinador tem um importante papel social, uma vez que possui a responsabilidade na formação do jovem. É ele quem deve dar o exemplo, contribuindo para o desenvolvimento moral do atleta, estimulando comportamentos positivos e condenando os socialmente indesejáveis.

Embora exista uma corrente contrária a ideia de que o esporte possa desenvolver o caráter e influenciar positivamente os jovens, os resultados deste estudo trazem informações que podem ser relevantes para o meio acadêmico e, principalmente, para os envolvidos na prática esportiva (professores, técnicos e treinadores). Apesar de haver a evidência das atitudes consideradas negativas (antiéticas) nos treinos e nas competições esportivas, conforme declarações de atletas, também é fato que as atitudes consideradas pró-sociais apresentaram-se de forma bastante clara. Esse contraste entre as atitudes positivas e negativas, gerado através do esporte e revelado através dos resultados deste trabalho, merece algumas reflexões.

É possível melhorar as intervenções pedagógicas no esporte de competição, no sentido de se diminuir as atitudes consideradas antiéticas? Como podem ser melhoradas estas intervenções? É possível elevar o nível de espírito esportivo (respeito ao colega de equipe, ao adversário, às regras e aos árbitros)? As informações a respeito do tema são conhecidas e

discutidas pelos pedagogos do esporte no contexto esportivo brasileiro? Embora este estudo não tenha a pretensão de apresentar respostas definitivas a essas questões, torna-se relevante que as implicações desta temática sejam consideradas.

O nível de informações conhecidas sobre o tema pode representar um ponto de partida para a melhoria das intervenções pedagógicas e para um maior nível de desenvolvimento dos aspectos pró-sociais no esporte juvenil. Uma perspectiva sobre o conhecimento que os jovens possuem sobre o espírito esportivo e as intenções de comportamento que se manifestam nas situações de treinamentos e competições parece ser uma das alternativas para quem atua neste âmbito e pretende formar os jovens através do esporte. A aplicação de questionários como o que foi utilizado neste estudo, bem como de outros que abordem os comportamentos pró e antissociais, podem contribuir de maneira significativa a identificar comportamentos específicos nas competições, permitindo uma análise mais detalhada sobre a ideia que os atletas possuem acerca desta questão.

A partir dessa perspectiva, seria possível a realização de discussões e debates, em vários níveis, com os envolvidos no meio esportivo – acadêmicos, dirigentes, pais, professores e técnicos, além da mídia esportiva. Programas de treinamento e competições poderiam ser reavaliados nos mais variados ambientes esportivos (escolas, clubes e associações), contribuindo para que se difundisse em maior escala as questões ligadas ao espírito esportivo e ao *fair play* (atitudes pró-sociais). Desta forma, a orientação pedagógica esportiva estaria pautada em comportamentos e atitudes que valorizariam o indivíduo, desenvolvendo e mantendo a integridade do esporte, enquanto formador de jovens.

O treinador tem a responsabilidade de perceber como se apresentam os comportamentos de seus atletas e deve saber trabalhar para que mudanças ocorram, caso sejam necessárias. Uma vez que o treinador é o agente responsável pela formação e transformação dos jovens através do esporte, a realização deste trabalho destina-se a oferecer as informações para os profissionais envolvidos no âmbito esportivo. É importante que haja um esforço no sentido de encorajar os atletas a empenhem-se no desenvolvimento de suas qualidades pessoais e na busca pelas conquistas esportivas, ao mesmo tempo em que se estimule a justiça na disputa e o respeito pelas regras e pelo adversário. Os resultados deste trabalho apontaram de certa forma, que as orientações passadas aos atletas pelos treinadores têm sido direcionadas pela disputa baseada no espírito esportivo, evidenciando as atitudes pró-sociais (*empenho* e *convenção*) no contexto do esporte juvenil brasileiro.

A contribuição que este trabalho procura oferecer dá-se no sentido de evoluir o conhecimento acadêmico e o conhecimento prático de disciplinas como a Psicologia do

Esporte e a Pedagogia do Treinamento Esportivo, no que se refere às atitudes e ao comportamento moral dos atletas. Sugerem-se outras investigações sobre o tema, que possam completar as informações contidas neste estudo, com outros instrumentos de natureza qualitativa (entrevistas semiestruturadas), para uma compreensão mais ampla sobre as questões comportamentais relacionados às atitudes morais, bem como sobre o papel social que o esporte desenvolve na formação dos atletas juvenis brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AJZEN, I. **Attitudes, personality, and behavior**. 2. ed. England: Open University Press; Mcgraw-Hill, 2005.
- ALBARRACÍN, D.; JOHNSON, B. T.; ZANNA, M. P. (eds.). **The handbook of attitudes**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005.
- ANGERS, M. **Initiation pratique à la methodologie des sciences humaines**. Montréal: Les Éditions de la Chenelière, 1992.
- ASCH, S. E. As Doutrinas a Respeito do Homem. In: ASCH, S. E. **Psicologia Social**. 4. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977. p. 11-40.
- ASÇI, F.H.; ASÇI, A.; ZORBA, E. Cross-cultural validity and reliability of physical self-perception profile. **International Journal of Sports Psychology**, Rome, v. 3, 1999.
- BARROS, M. G. Construção e validação de instrumentos: o que é um bom teste? 2002. Disponível em: <<http://www.maurovgb.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2009.
- BARTHOLOMEW, J. B. et al. The sports inventory for pain: a confirmatory factor analysis. **Research Quartely for Exercise and Sports**, Washington, v. 1, 1988.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Tradução e adaptação: Machado da Costa. Éditions Vigot, Paris, 1994.
- BENTO, J. O. Pedagogia do desporto: definições, conceitos e orientações, esclarecimentos e pressupostos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.3-11.
- BIAGGIO, A.M.B.. Kohlberg e a “Comunidade Justa”: promovendo o senso ético e a cidadania na escola. **Psicol. Reflex. Crít.**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 47-69, 1997.
Disponível em:
<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.79721997000100005&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2007.
- _____. Universalismo *versus* relativismo no julgamento moral. **Psicol. Reflex. Crít.**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 5-20, 1999. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.79721999000100002&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2007.
- BICUDO, M.A. Introdução à Educação Moral. In: AUTORES ASSOCIADOS. **Fundamentos éticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1982. p. 13-42.
- _____. O desenvolvimento moral. In: AUTORES ASSOCIADOS. **Fundamentos éticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1982. p. 43-79.

BISQUERA, R. **Introducción a la estadística aplicada a la investigación educativa: un enfoque informático con los paquetes BMDP y SPSS**. Barcelona: PPU, 1987.

BOARDLEY, I. D.; KAVUSSANU, M. Effects of goal orientation and perceived value of toughness on antisocial behavior in soccer: the mediating role of moral disengagement. **Journal of sport & exercise psychology**, United Kingdom, v. 32, n. 2, p. 176-192, 2010.

BOMPA, T. O. Desporto coletivo: o jogo e o treinador. In: BOMPA, T. O. **Treinamento de Atletas de Desporto Coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005. p. 5-29.

BREDEMEIER, B. L.; SHIELDS, D. L. Sports and character development. **Research Digest/President's Council on Physical Fitness and Sports**, Washington D. C., v. 7, n. 1, p. 1-8, mar. 2006.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, jun. 2008.

CASSEP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, L. (org.) **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.506-520.

CLIFFORD, C.; FEEZELL, R. M. Desportivismo – Compreender, ensinar e demonstrar as virtudes do desportivismo. **Treino Desportivo**, n. 14, p. 12-17, jun. 2001.

CONTI, M. A. Os aspectos que compõem o conceito de imagem corporal pela ótica do adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 240-253, 2008.

COSTA, J. et al. Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n. 4, p. 7-20, 2002.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-104, out. 2002.

DASSA, C. **Analyse multidimensionnelle exploratoire et confirmative**. Montreal: Université de Montréal, 1999.

DODGE, A.; ROBERTSON, B. Justifications for unethical behaviour in sport: the role of the coach. **Canadian Journal of Women in Coaching**, v. 4, n. 4, p. 1-17, mai. 2004.

EKLUND, R.; WHITEHEAD, J.; WELK, G. Vality of the children and youth physical self-perception profile: a confirmatory analysis. **Research Quartely for Exercise and Sports**, Washington, v. 3, 1997.

EVANGELISTA, P. H. M. et al. **Questionário de atitudes no esporte (QAE-23)**. Núcleo de Estudos e Pesquisa em Pedagogia e Psicologia do Esporte (NP₃ Esporte), 2009.

_____. As atitudes morais de jovens atletas praticantes de modalidades esportivas coletivas. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 379-386, 2010a.

_____. Atitudes de jovens praticantes de futebol de campo: um estudo descritivo-exploratório com atletas de 13 a 16 anos. In: **XI Mercomovimento – Congresso Internacional**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010b.

FREITAG, B. A questão da moralidade: da razão prática de Kant à ética discursiva de Habermas. **Rev. Social**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7-44, 1989.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, 1994. p. 11-34.

_____. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, ano IV, n. 8, p. 19-26, 1998.

_____. Ideias e competências para "pilotar" o jogo de futebol. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.313-326.

GONÇALVES, C. A. **O espírito desportivo na formação do jovem praticante**. Ministério da Educação/Direcção-Geral de Desportos, Lisboa, 1989.

GONÇALVES, C. O estudo do *fair play* na Europa. In: TAVARES, O.; LAMARTINE, P. C. **Estudos Olímpicos: Programa de Pós-Graduação em Educação Física**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999. p. 194-206.

GONÇALVES, C. E. et al. Tradução e validação do SAQ (**Sports attitudes questionnaire**) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 6, n. 1, p. 39-47, jan. 2006.

_____. Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.15-26, jan./mar. 2010b.

_____. The effect of achievement goals on moral attitudes in young athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 9, p. 605-611, set. 2010a.

GONZALEZ, F. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 71, abril. 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 30 mar. 2009.

HALBE, H. W.; HALBE, A. F. P.; RAMOS, L. O. A saúde da adolescente. **Revista Brasileira de Medicina**, n. 1, out. 2000.

HERNANDEZ-NIETO, R. **Contributions to statistical analysis**. Mérida, España: Los Andes University Press, 2002.

KAVUSSANU, M.; NTOUMANIS, N. Participation in sport and moral functioning: does ego orientation mediate their relationship? **Journal of Sport & Exercise Psychology**, n. 25, p. 501-518, 2003.

_____. ROBERTS, G. C. Moral functioning in sport: an achievement goal perspective. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, n. 23, p. 37-54, 2001.

_____. BOARDLEY, I. The prosocial end antisocial behavior in sport scale. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, n. 31, p. 97-117, Birmingham, 2009.

KOHLBERG, L. **Review of child development research**, New York: Russel Sage Foundation, v. 11, v.1, 1964-1966.

_____. POWER, F. C.; HIGGINS, A. **La educacion moral segun Lawrence Kohlberg**. Tradução Antonio Bonanno. 1. ed. Barcelona: Gedisa, 1997.

KONZAG, I. A formação técnico-tática nos jogos desportivos coletivos. **Treino Desportivo**, Porto, n. 19, p. 27-37, mar. 1991.

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola de Bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. Tradução Pablo Juan Greco. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006, p. 7-30.

LA TAILLE, Y. De. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. **Psicol. Reflex. Crít.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.79722006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2007.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: _____. CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEE, M. J.; WHITEHEAD, J.; NTOUMANIS, N. Development of the attitudes to moral decision-making in youth sport questionnaire (AMDYSQ). **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 3, p. 369-392, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.getcited.org/pub/103432622>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

LEE, M.J. et al. Relationships among values, achievement orientations, and attitudes in youth sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, n. 30, 2008, p. 588-610. Disponível em: <<http://nntoumanis.googlepages.com/JSEP-publishedversion.pdf>>. Acesso em: ago. 2009.

LINDGREN, H. C. Problemas y métodos de la Psicología Social. In: LINDGREN, H.C. **Introducción a la Psicología Social**. México: Editorial Trillas, 1976. p. 15-32.

LONG, T. et al. A qualitative study of moral reasoning of young elite athletes. **The Sport Psychologist**, n. 20, p. 330-347, dez. 2006.

LIPPI, B. G.; DE SOUZA, D. A.; NEIRA, M. G. Mídia e futebol: contribuições para a construção de uma pedagogia crítica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 91-106, set. 2008.

LOVATTO, D. L.; GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte e jogos esportivos coletivos: das teorias gerais para a iniciação esportiva em basquetebol. **Movimento e Percepção**, São Paulo, v. 8, n. 11, jul./dez. 2007.

MAGUIRRE, T. O.; ROGERS W. T. Proposed solutions for non randomness in educational research. **Canadian Journal of Education**, v. 14, n. 2, p. 170-181, 1989.

MARTINS, L. C.; BRANCO, A.U. Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem social construtivista. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 169-176, ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.37722001000200009&Ing=en&nrm=i>. Acesso em: 20 nov. 2007.

MOUTINHO, C. A. A estrutura funcional do voleibol. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. O **Ensino dos Jogos Desportivos Coletivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, 1994. p. 141-154.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. G. **Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS** (4. ed.). Lisboa: Edições Lisboa, 2005.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PLATONOV, V. N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 638p.

PROIOS, M. Development and validation of a Questionnaire for the assessment of moral content judgment in sport. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 8, n. 2, p. 189-209, jun. 2010.

RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>> Acesso em: 26 nov. 2009.

REIS, E. **Estatística multivariada aplicada**, 2. ed. Lisboa: Edições Silabo, 2001.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROKEACH, MILTON. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 1981.

_____. **Understanding human values – individual and societal**. New York: Free Press, 1979.

RUBIO, K. Ética e compromisso social na Psicologia do Esporte. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 2, n. 27, p. 304-315, set. 2007.

SAGE, L. D. **Predictors of moral behaviour in football:** A thesis (Doctor of Philosophy Degree) 2006. School Of Sport And Exercise Sciences University Of Birmingham, England. 241fl. Disponível em: <<http://etheses.bham.ac.uk/27/2/Sage07PhD.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2010.

SAMPAIO, L. R. A Psicologia e a educação moral. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 584-595, 2007.

SAMPOL, P. P. et al. Intervención para la promoción de actitudes de fairplay en futbolistas cadetes. **Apunts**, n. 89, p. 15-22, 2007.

SANMARTÍN, M. G. **Valores sociales y deporte:** la actividad física y el deporte como transmisores valores sociales y personales. Madrid: Editorial Gymnos, 1995.

SANTOS, A. R. R. Espírito esportivo – *fair play* e a prática de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Universidade Federal de Pernambuco, v. 4, n. 4, p. 13-28, 2005.

SANTOS, C. C.; ORTEGA, A. C. O jogo de regras como recurso para avaliação e intervenção: um estudo piagetiano com adolescentes. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 1, p. 26-49, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

SHIELDS, D. L. et al. The sport behavior of youth, parents, and the coaches – the good, the bad, and the ugly. **Journal of Research in Character Education**, v. 3, n. 1, p. 43–59, 2005.

SILVA, T. A. F.; DE ROSE JÚNIOR, D. Iniciação nas modalidades esportivas coletivas: a importância da dimensão tática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n. 4, p. 71-93, 2005.

SOBRINHO, L. G. P.; DE MELLO, R. M. F.; PERUGGIA, L. Influências de pais, técnicos e torcida. **Psicologia do Esporte: temas emergentes**. Jundiaí, São Paulo: Editora Ápice, 1997. p. 57-80.

SOARES, A. J. G. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDC, 1994. p. 44-71.

TAVARES, O. Algumas reflexões para uma rediscussão do *fair play*. In: TAVARES, O; LAMARTINE, P. C. **Estudos Olímpicos: Programa de Pós Graduação em Educação Física**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999. p. 173-193.

TOURINHO FILHO, H.; TOURINHO, L. S. P. R. Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun. 1998.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividade física e saúde**. 3. ed. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

TSAI, E.; FUNG, L. Sportspersonship in youth basketball and volleyball players. Athletic insight. **The On Line Journal of Sport Psychology**, Hong Kong, v. 7, n. 2, 2005. Disponível em:

<<http://www.athleticinsight.com/Vol7Iss2/Sportspersonship.htm>>. Acesso em: 09 jun. 2008.

VALLERAND, R. J. Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. **Psychologie Canadienne**, n. 30, p. 662-680, 1989.

VERÍSSIMO, R. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)**. Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002.

WILLIAMS JR., R. M. Change and stability in values and values systems: a sociological perspective. In: ROKEACH, M. **Understanding human values – individual and societal**. New York: Free Press, 1979. p. 15-46

ANEXO A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Vimos, por meio deste, solicitar a concordância para realizar um estudo com atletas de jogos coletivos de invasão na faixa etária de 13 a 16 anos de sua instituição, que participam de programas esportivos competitivos na região Sul do Brasil.

O estudo tem por objetivo descrever o perfil das atitudes no esporte juvenil.

Cada atleta preencherá dois questionários. O primeiro trata dos dados pessoais (sexo, idade, modalidade, número de treinos semanais, escola/clube). O segundo consta de questões relacionadas às atitudes no esporte, que ele responderá de acordo com a frequência que ocorrem as ações. O preenchimento dos questionários será realizado antes ou após as competições, conforme a disponibilidade do atleta. O tempo estimado para responder aos questionários é de aproximadamente 25 minutos.

A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado do Prof. Paulo Henrique Mellender Evangelista (51 93150478) e tem como responsável o Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti (51 9999-4957), do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os pesquisadores garantem a instituição, aos participantes da pesquisa e aos seus pais (ou responsáveis legais) que:

- o preenchimento dos questionários não provoca nenhum risco ou desconforto físico, moral e psicológico ao participante e a seus pais (ou responsáveis legais); da mesma forma, não traz risco ou dano de qualquer ordem à instituição;
- as informações e os resultados do estudo podem contribuir para que se conheça o comportamento referente às atitudes no esporte juvenil, visando contribuir para uma proposta pedagógica orientada para o treinamento desportivo;
- o Prof. Paulo Henrique Evangelista estará acompanhando e prestando assistência durante o preenchimento dos questionários, bem como estará à disposição para esclarecer qualquer dúvida em qualquer momento do estudo (antes, durante e depois) pelo telefone (51) 93150478 ou pelo e-mail: phmevangelista@gmail.com;
- o participante ou a instituição tem liberdade de recusar a participação ou de retirar o seu consentimento em qualquer fase do estudo sem que lhes ocorra nenhum prejuízo;
- não haverá nenhum tipo de remuneração pela participação no estudo;
- a identidade dos participantes e dos seus pais (ou representantes legais) não será revelada e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos; da mesma forma, a instituição não será identificada em nenhum momento da pesquisa;
- o relatório final da pesquisa será encaminhado aos técnicos e às instituições dos participantes do estudo, sendo garantida a confidencialidade dos respondentes e de seus pais (ou responsáveis legais).

Caso a instituição entenda que seus direitos foram negligenciados pelos pesquisadores, poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFRGS) pelos telefones: (51) 3308-3738 ou 3308-3629.

Serão feitas duas vias deste termo de consentimento; uma via ficará com os pesquisadores e a outra com a instituição participante no estudo.

A assinatura neste formulário indica que você entendeu satisfatoriamente as informações relativas à participação de sua instituição nesse projeto e que você concorda em

participar. De forma alguma este consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais, nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais.

Nome e assinatura da responsável pela instituição participante na pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável: Prof. Dr. Carlos A.A. Balbinotti

Assinatura do pesquisador: Prof. Paulo Henrique M. Evangelista

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado pai ou responsável legal

Eu, Prof. Paulo Henrique M. Evangelista, aluno do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estou convidando seu filho / sua filha para participar de um estudo juntamente com outros atletas de jogos coletivos de invasão na faixa etária de 13 a 16 anos, que tem por objetivo descrever o perfil das atitudes no esporte competitivo juvenil.

Cada atleta preencherá dois questionários. O primeiro trata dos dados pessoais (sexo, idade, modalidade, número de treinos semanais, escola/clube). O segundo consta de questões relacionadas às atitudes no esporte, que ele responderá de acordo com a frequência que ocorrem as ações. O preenchimento dos questionários será realizado antes ou após as competições, conforme a disponibilidade do atleta. O tempo estimado para responder aos questionários é de aproximadamente 25 minutos.

A pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado, orientada pelo pesquisador responsável, Prof. Dr. Carlos Adelar Abaíde Balbinotti (51 9999-4957), do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os pesquisadores garantem aos participantes da pesquisa e aos seus pais (ou responsáveis legais) que:

- o preenchimento dos questionários não provoca qualquer risco ou desconforto físico, moral e psicológico ao participante;
- as informações e os resultados do estudo podem contribuir para que se conheça o comportamento referente às atitudes no esporte juvenil, visando contribuir para uma proposta pedagógica orientada para o treinamento desportivo;
- o Prof. Paulo Henrique Evangelista estará acompanhando e prestando assistência durante o preenchimento dos questionários, bem como estará à disposição para esclarecer qualquer dúvida em qualquer momento do estudo (antes, durante e depois) pelo telefone (51) 93150478 ou pelo e-mail: phmevangelista@gmail.com;

- o participante terá liberdade de recusar a participação ou de retirar o seu consentimento em qualquer fase do estudo sem que lhe ocorra nenhum prejuízo pessoal;
- não haverá nenhum tipo de remuneração pela participação no estudo;
- a identidade das participantes e dos seus pais (ou representantes legais) não será revelada e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos;
- o relatório final da pesquisa será encaminhado aos treinadores responsáveis, sendo garantida a confidencialidade dos respondentes e de seus pais (ou responsáveis legais).

Estou ciente de que se os meus direitos forem negligenciados pelos pesquisadores poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFRGS) pelos telefones (51) 3308-3738 ou 3308-3629.

Serão feitas duas vias deste termo de consentimento. Uma via ficará com os pesquisadores e a outra com os pais (ou responsável legal) do participante no estudo.

A sua assinatura nesse formulário indica que você entendeu satisfatoriamente as informações relativas à participação de seu filho (a) nessa pesquisa e que você concorda em participar. De forma alguma esse consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais, nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais.

Nome e assinatura do participante da pesquisa

Nome e assinatura do pai ou responsável legal

Assinatura do pesquisador responsável: Prof. Dr. Carlos A. A. Balbinotti

Assinatura do pesquisador: Prof. Paulo Henrique M. Evangelista

ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE ATITUDES NO ESPORTE (QAE-23)

Com os itens a seguir, pretende-se obter informações sobre as atitudes de atletas no esporte juvenil. Cada item corresponde a uma atitude específica. Salienta-se que não há respostas certas ou erradas, a melhor resposta é aquela respondida de forma sincera. Sendo assim, responda dentro dos parênteses em que nível você discorda (ou concorda) com cada uma das afirmações descritas nos itens do inventário. O valor 1 indica que você *discorda firmemente da declaração* apresentada; o valor 5 indica que você *concorda firmemente com a declaração*; os valores 2, 3, e 4 indicam **graus intermediários de concordância**. Portanto, conforme escala abaixo, quanto maior o valor associado à sua resposta, maior o seu nível de concordância.

- 1 – Discordo firmemente da declaração**
2 – Discordo da declaração, mas não firmemente
3 – Não concordo nem discordo da declaração
4 – Concordo com a declaração, mas não firmemente
5 – Concordo firmemente com a declaração

Os itens abaixo relacionados descrevem as atitudes referidas com mais frequência pelos atletas juvenis que praticam esportes regularmente. Indique o quanto cada afirmação está de acordo com a sua própria atitude quando você pratica esporte.

LISTA DE AFIRMAÇÕES

01.	()	Eu vou praticamente a todos os treinamentos.
02.	()	Às vezes, eu gasto tempo perturbando meus adversários.
03.	()	Poderia enganar a arbitragem se julgasse que isso iria me ajudar a vencer.
04.	()	Parabenizo meus adversários mesmo após eu ter perdido o jogo.
05.	()	Se outras pessoas estão enganando a arbitragem, acredito que posso fazer o mesmo.
06.	()	Sempre tento fazer o meu melhor.
07.	()	Já que não é contra as regras perturbar psicologicamente os adversários, então é certo fazê-lo.
08.	()	Eu cumprimento com um aperto de mão o treinador dos meus adversários.
09.	()	Eu poderia enganar a arbitragem se puder me dar bem com isso.
10.	()	Às vezes, eu tento enganar meus adversários com atitudes que são contra a regra.
11.	()	Eu estou sempre pensando em como melhorar.
12.	()	Eu parabenizo meus adversários pelo bom desempenho no jogo.
13.	()	Às vezes, eu tento induzir os árbitros a cometer erros.
14.	()	Penso que posso perturbar meus adversários desde que isso não seja contra as regras.
15.	()	Eu me esforço mesmo estando certo da derrota.
16.	()	É certo tirar vantagem das distrações dos adversários e da arbitragem.
17.	()	Eu cumprimento com um aperto de mãos meus adversários nas vitórias e derrotas.
18.	()	Se eu não quiser que outro jogador jogue bem, eu dou um “chega prá lá” nele.
19.	()	Às vezes, eu aproveito as distrações da arbitragem para obter vantagem.
20.	()	É uma boa ideia deixar os adversários irritados.
21.	()	Eu não desisto, mesmo depois de cometer erros.
22.	()	Felicito meus adversários depois de tê-los vencido nos jogos.
23.	()	Tento fazer os juízes arbitrar em meu favor, mesmo quando eles não deveriam fazê-lo.